

gatos cães 40 anos

MEDICINA VETERINÁRIA CONHEÇA PARA QUEM ENQUANTO sesegatos.com.br

DC7
COMUNICA

Ano 41
nº 316
Dez/2025

CLÍNICA MÉDICA

PIF E GS-441524 - DOENÇA
TEM CURA, MAS ESBARRA
EM IMPEDITIVOS LEGAIS

FAMÍLIA MULTIESPÉCIE

VÍNCULO ENTRE HUMANOS
E DIFERENTES ESPÉCIES
REDEFINE O PAPEL DO
MÉDICO-VETERINÁRIO

ENTREVISTA

ANDRÉ LACERDA
FALA SOBRE OS
AVANÇOS, DESAFIOS
E PERSPECTIVAS
DA CIRURGIA EM
PEQUENOS ANIMAIS

REGISTRADO E APROVADO

AVERT BIOLAB SAÚDE ANIMAL LANÇA **DECRISE**,
A PRIMEIRA GABAPENTINA REGISTRADA E APROVADA
PARA GATOS NO MUNDO

oi,
verão!

Adeus
carrapatos,
pulgas e
vermes!

O verão está chegando, e
é hora de reforçar os cuidados!

Lembre seus clientes: a proteção contra parasitas é para o ano todo e, no verão, vale redobrar o cuidado. Assim, os pets podem curtir a estação com mais tranquilidade.

Conte com a Elanco
para proteger seus
pacientes para
curtir o verão.



Acesse:
ElancoVets
.com.br

Credel[®] Seresto[™] Advocate[™] Advantage[™] Max3 Drontal[™] MILBEMAX[™]

Elanco



FUNDADOR

Oswaldo Penha Ciasulli (MtB. 32.517)
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO

Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

DIRETORA DE NEGÓCIOS

Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

GERENTE DE COMUNICAÇÃO

Camila Santos (MtB. 39.770)
camila@dc7comunica.com.br

REDAÇÃO E WEB

Danielle Assis (MtB. 0083299)
danielle@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

Daniel Guedes (MtB. 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

SOCIAL MEDIA

Brenno Fressatto
brenno@dc7comunica.com.br

MARKETING

Raiane Modesto
raiane@dc7comunica.com.br

ADM/TRÁFEGO

Carolina Baggini
carolina@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Ana Falcão Gierlich, Ana Purchio, CRMV-SP, Erika Pereira, Franciele Pavei, Gabriela Mura, José Luiz Tejon, Julyenne Christynne Escrivani Frasnelli, Monique Paludetti, Ourofino, Saulo Gonçalves Pereira, Soft Care, Thais Ximenes, Trouw Nutrition

CIRCULAÇÃO DIRIGIDA

A Revista Cães&Gatos (ISSN 0103-278X) é uma publicação brasileira e mensal. Seu conteúdo editorial é focado na profissionalização do mercado pet. Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total dessa publicação, por qualquer meio, sem prévia autorização da editora, sob as penas de Lei registrada no Regime Especial DRT-1 nº 011391/90.

Periodicidade: Mensal



UM ANO DE EVOLUÇÃO E PROPÓSITO

Encerramos 2025 com uma edição dedicada a refletir sobre temas que marcaram o ano e que seguem guiando a prática clínica, como o estresse e a ansiedade em felinos, a evolução da família multiespécie e os avanços no diagnóstico e no cuidado de doenças que impactam profundamente o bem-estar dos animais.

Este também é o mês do Dezembro Verde, reforçando a responsabilidade de toda a sociedade no combate ao abandono. Informação, prevenção e cuidado são pilares que seguimos promovendo com compromisso e profundidade.

Agradecemos às fontes, profissionais, entidades, associações e parceiros que caminharam conosco ao longo de 2025, contribuindo para debates sérios, conteúdo técnico de qualidade e para a construção de uma revista cada vez mais relevante para o setor.

Que 2026 seja um ano de prosperidade para os médicos-veterinários, para as instituições que fortalecem a área pet-vet e para todos que dedicam sua vida ao bem-estar animal. Seguimos juntos, informando, evoluindo e apoiando quem fortalece esse mercado.

Boa leitura!



Diogo Ciasulli
Diretor Editorial
Jaqueline Ridolfi
Diretora Comercial e Editorial

» NO MIOLO

| RADAR PET

08 > PREMIER PET

Presença técnica e diálogo com o mercado

10 > PET SOCIETY

Soft Care revoluciona segmento de suplementos pet com proteína da mosca soldado negra

18 > PROPLAN

Investigação em ômicas redefine a saúde dos pets

| VETERIANÊS

20 > REGISTRADO E APROVADO

Avert-Biolab Saúde Animal lança Decrise, a primeira gabapentina registrada e aprovada para gatos no mundo

26 > QUANDO O CÂNCER ATINGE A PELE

Mastocitoma pode causar metástases em órgãos dando

44 > GENGIOESTOMATITE CRÔNICA FELINA

Enfermidade exige condutas embasadas em ciência e empatia

48 > FAMÍLIA MULTIESPÉCIE

Vínculo entre humanos e diferentes espécies redefine o papel do médico-veterinário

54 > PIF E GS-441524

Doença tem cura, mas esbarra em impeditivos legais

| SEÇÕES

- › Editorial **3**
- › On-line **6**
- › Marketing **7**
- › Boletim Paulista **15**
- › Tejon **29**
- › Mercado **43**
- › Guia Jurídico **47**

| OUTROS AUTORES

30 > ESTRESSE EM FELINOS

Quando o ambiente adocece: o estresse oculto nos gatos

40 > COMPORTAMENTO

O impacto da dor na hiperestesia felina, medo e ansiedade

57 > PET SILVESTRE

Veterinários e biólogos juntos no resgate e afugentamento de fauna

| PETFOOD

34 > TROUW NUTRITION

Empresa inaugura fábrica para o mercado pet

36 > INSETOS NA NUTRIÇÃO PET

Equilíbrio entre potencial nutricional e sustentabilidade

38 > BRAZILIAN PET FOODS

Pet food evolui para atender tutores que priorizam nutrição de ponta com praticidade

| COBERTURA

50 > MEDVEP

Congressos reúnem 2.100 congressistas focados em conteúdo técnico e networking

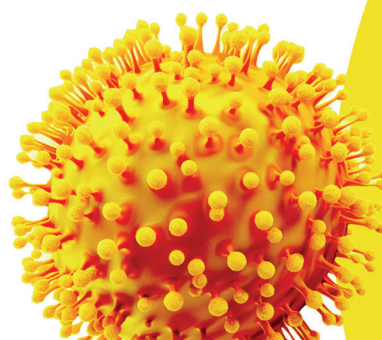
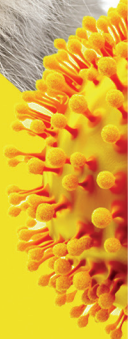
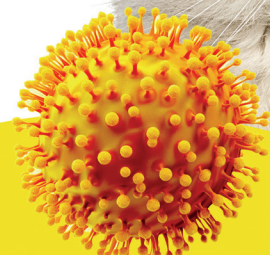
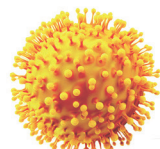
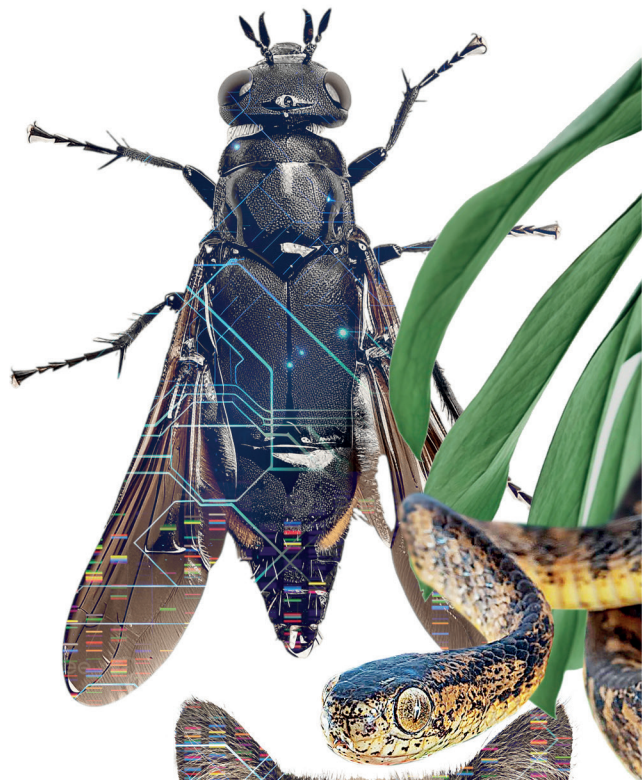
52 > PETNOR

Feira registra recorde de inscritos e consolida-se como o principal encontro regional

| PONTO FINAL

58 > REFÚGIO EMOCIONAL

Pets serão mais valorizados em 2026



ENTREVISTA ANDRÉ LACERDA

fala sobre os avanços, desafios e perspectivas da cirurgia em pequenos animais

12

FÓRMULA NATURAL



VET CARE

Desenvolvida por médicos-veterinários sob os conceitos mais avançados da nutrição para cães e gatos, a linha **Fórmula Natural Vet Care** é voltada para animais enfermos que necessitam de dietas especiais.



Estes produtos não substituem o tratamento convencional.



Saiba mais
sobre a linha

[f](#) [i](#) [@formulanaturaloficial](#)
www.formulanatural.com.br

MÊS DA CONSCIEN- TIZAÇÃO



NOVEMBRO chegou trazendo com ele datas muito especiais, como: o Dia Nacional do Gato Preto e o Dia da Consciência Negra. Nós da **Cães & Gatos** não podíamos deixar essas celebrações passarem em branco, por isso preparamos duas matérias para celebrar e combater o preconceito contra felinos e médicos-veterinários negros.

Na matéria do Dia Nacional do Gato Preto, publicada no dia 17 de novembro, o foco foi o combate ao preconceito e desmistificação que envolve os felinos pretos. A reportagem ainda contou com entrevistadas que incentivaram a adoção responsável do pet.

No dia 20 de novembro foi a vez da

Cães & Gatos homenagear os médicos-veterinários negros, que lutam todos os dias para combater o preconceito ainda presente no mercado de trabalho.

Nesta matéria tivemos o depoimento de uma médica-veterinária do Espírito Santo. Maria da Glória Alves Cunha, que atua há quase 40 anos no setor, narrou momentos de dificuldades que ocorreram durante sua carreira e envolveram preconceito contra ela e outros colegas de trabalho.

Além disso, reforçando nosso compromisso com a saúde, não esquecemos da campanha Novembro Azul - campanha de prevenção e o diagnóstico precoce do câncer de próstata - que

é abordada na Medicina Humana e que se estende aos animais de estimação.

Com foco em oferecer orientação para veterinários e tutores de pets, a campanha serviu para mostrar como a doença pode se manifestar nos cães e gatos.

Em meio a tudo isso, tivemos ainda algumas matérias que foram as mais clicadas nos últimos 30 dias, confira:

1 GUIA DE RAÇAS: GATO SIAMÊS

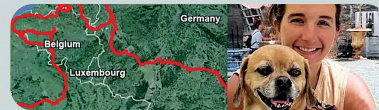
O guia da raça do gato Siamês trouxe as principais características e doenças deste felino. Considerada uma das espécies mais antigas, o bicho de estimação tem pelagem curta e sedosa, corpo esguio e olhos azuis, e conta com um temperamento extrovertido e comunicativo.

O gato requer uma atenção especial quando falamos de saúde bucal, devido à predisposição à doença periodontal, e a outros males, como doenças respiratórias crônicas e cardíacas congênitas. Por isso, um acompanhamento veterinário regular é essencial.

2 CONFIRMAÇÃO DE RAIVA EM GATO EM JUNDIAÍ ACENDE ALERTA PARA A IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO EM PETS

Depois da cidade de Jundiaí (SP) apresentar seu primeiro caso de Raiva em um gato, após 30 anos sem nenhum registro, o alerta para a importância da vacinação em animais de estimação se tornou mais palpável no início do mês de novembro.

O felino diagnosticado com a doença, que estava em situação de abandono, tinha sido adotado por um morador da cidade. O adotante relatou que o animal parecia saudável. No entanto, um dia após a adoção, começou a apresentar sintomas neurológicos compatíveis com a enfermidade.



3 TUTORA PEDALA POR QUASE 5 MIL QUILOMETROS PARA HOMENAGEAR PET

No começo do mês de novembro uma tutora decidiu homenagear sua cachorra, que morreu, de uma forma diferente. A americana pedalou mais de quatro mil quilômetros pela Europa, formando com o trajeto a figura de um cão no mapa.

A jornada, que começou no dia 1º de maio, data de aniversário de Slinky, teve partida e retorno a Amsterdã e durou dois meses. Além disso, a tutora, mesmo enfrentando condições difíceis, passou por seis países do continente Europeu.





Mais que datas: como transformar o calendário pet em estratégia de marca

No mercado pet, cada mês tem uma cor, uma causa e uma oportunidade de conexão. Janeiro Branco, Outubro Rosa Pet, Dezembro Verde. Mas o calendário também é feito de momentos emocionais e comerciais, como o Natal, o Ano-Novo e o Dia das Mães, que se tornaram parte importante da comunicação das marcas ao longo do ano.

Entre campanhas de conscientização e celebrações sazonais, o calendário pet é extenso, e é justamente por isso que exige estratégia.

Em meio a tantas datas, surge a pergunta: como se destacar sem cair na repetição? Publicar uma arte com a cor do mês ou uma imagem comemorativa já não basta. A força dessas campanhas está em criar diálogos reais com o público, alinhados ao propósito e à identidade da marca.

Tratar o calendário apenas como uma sequência de obrigações é o erro mais comum. Quando isso acontece, o conteúdo perde autenticidade e passa despercebido. As datas comemorativas e campanhas temáticas devem ser vistas como oportunidades de expressar valores, aproximar o público e fortalecer vínculos.

Cada ocasião, seja uma data de conscientização ou uma celebração comercial, é uma chance de mostrar o que a marca representa.

O Outubro Rosa Pet, por exemplo, pode ir além da lembrança simbólica e se tornar um movimento de prevenção, com ações em clínicas, orientações nas redes e campanhas educativas.

Já o Dezembro Verde pode ganhar força com iniciativas em prol da adoção e do combate ao abandono. Da mesma forma, datas festivas como o Natal ou o Ano-Novo podem ser trabalhadas de forma mais humana, valorizando o afeto entre tutores e animais e reforçando o cuidado responsável nas viagens e presentes.

O Dia das Mães, por exemplo, pode celebrar

o vínculo das “mães de pet” e aproximar a marca de um público altamente engajado emocionalmente. Quando o calendário é usado com estratégia, ele deixa de ser apenas um lembrete e passa a ser uma ferramenta de posicionamento. Ele permite que a marca conte histórias, eduque, inspire e se torne parte das memórias do público.

Cada ação deve refletir a essência da empresa e seu papel no setor. Se a marca tem um tom mais educativo, pode investir em conteúdos informativos, vídeos e artigos. Se é mais emocional, histórias reais e mensagens afetivas geram identificação.

Planejar é essencial. O volume de campanhas ao longo do ano é grande, e nem todas precisam estar na pauta da marca. Selecionar o que faz sentido garante coerência e profundidade.

Um calendário bem estruturado ajuda a equilibrar o conteúdo institucional, emocional e comercial, mantendo a marca ativa sem perder autenticidade. Esse planejamento também permite integrar o digital e o físico. Uma campanha pode começar nas redes, mas se estender a eventos, parcerias ou experiências dentro da própria clínica ou loja. Assim, a mensagem ganha vida e se transforma em lembrança.

No fim, o verdadeiro valor de participar das campanhas e datas do calendário está em deixar algo além de curtidas. Está em gerar impacto, educar, inspirar e permanecer na memória do público. Porque, quando há propósito por trás da comunicação, cada cor, celebração ou mensagem se transforma em uma oportunidade de fortalecer a marca e reafirmar seu compromisso com quem mais importa: os tutores e seus pets.

No marketing pet, as datas passam, mas o que permanece é a conexão construída em cada gesto, em cada palavra e em cada experiência que reforça o que realmente move. ■

Franciele Pavei é médica-veterinária e especialista em marketing estratégico para o mercado pet, tendo atuação voltada a comunicação assertiva e ao posicionamento de marcas

PRESENÇA TÉCNICA E DIÁLOGO COM O MERCADO

PREMIERPET REFORÇA ATUAÇÃO NO NORDESTE DURANTE PETNOR E CONEVEPA 2025, LEVANDO PORTFÓLIO COMPLETO E APOIANDO DEBATES CIENTÍFICOS

▷ **CAMILA SANTOS**

camila@dc7comunica.com.br

A participação da PremierPet na Petnor 2025 e no Congresso Norte e Nordeste de Especialidades Veterinárias de Pequenos Animais (CONEVEPA) evidenciou a estratégia da empresa de estreitar o relacionamento com profissionais e fortalecer sua presença no mercado nordestino. A marca investiu em um estande completo na feira e apoiou palestras técnicas no congresso, ampliando sua atuação tanto no ambiente comercial quanto científico.

Pela primeira vez na Petnor, a empresa levou todo o portfólio da linha PremierPet ao evento. À frente das ações, Ramon Castro, supervisor técnico-comercial da marca, destacou a relevância da região para os objetivos da companhia. Segundo ele, a participação representou um passo importante no diálogo com médicos-veterinários, lojistas e especialistas. “Estamos muito felizes em participar dessa feira, já que o mercado do Nordeste é muito importante para nós. Trouxemos nossa linha completa e alguns dos principais lançamentos do ano”, afirma. A presença do especialista reforçou o movimento da empresa de ampliar o suporte técnico e criar oportunidades de troca com o público profissional.

Além da feira, a PremierPet também marcou presença no CONEVEPA 2025 por meio do apoio a palestras de nomes reconhecidos da Medicina Veterinária de pequenos animais. Entre eles, o médico-veterinário nefrologista Luciano Giovannini, convidado da marca, que ministrou a conferência “Urolitíases em gatos: do cristal à pedra”. Durante sua participação, o especia-



Ramon Castro é supervisor técnico-comercial da PremierPet

lista abordou pontos essenciais para a prática clínica, com ênfase em diagnóstico adequado e nas estratégias de manejo. Giovannini ressaltou a importância de compreender não apenas a existência do cálculo urinário, mas os fatores que levam à sua formação. Segundo ele, aspectos como hidratação, alimentação, condições sanitárias e avaliação minuciosa do histórico do animal são determinantes para orientar o tratamento e reduzir a recorrência.

Outra convidada da PremierPet no congresso foi a médica-veterinária Stephanie Theodoro, que discutiu estratégias nutricionais para a perda de peso em cães e gatos, além de temas relacionados ao paciente internado. Durante a palestra, destacou a necessidade de cautela ao ajustar a dieta de animais em crise, como os portadores de doença renal crônica. A especialista reforçou que mudanças alimentares devem ser consideradas somente após a estabilização do quadro clínico, permitindo melhor resposta terapêutica e



Luciano Giovannini, médico-veterinário nefrologista

evitando riscos adicionais. O conteúdo apresentado trouxe diretrizes práticas para o cotidiano das clínicas, especialmente no manejo de pacientes sensíveis e em condição metabólica alterada.

A atuação da PremierPet na Petnor e no CONEVEPA reforça o posicionamento da empresa em associar presença comercial a iniciativas de formação continuada. Ao promover contato direto com profissionais e apoiar discussões técnico-científicas, a marca consolida sua relação com o setor e amplia a visibilidade de suas soluções nutricionais. ▣



Stephanie Theodoro, médica-veterinária

NOVA GERAÇÃO

NOVA EMBALAGEM
NOVA FÓRMULA
COM ANTIOXIDANTES
NATURAIS

COM ANTIOXIDANTES NATURAIS

NOVA GERAÇÃO + SABOR



SOFT CARE REVOLUCIONA SEGMENTO DE SUPLEMENTOS PET COM PROTEÍNA DA MOSCA SOLDADO NEGRA



A Soft Care acaba de trazer para o mercado pet dois produtos únicos: o Immunity Pet Tabs e o Serenity Pet Tabs, suplementos indicados para cães e gatos com proteína da Black Soldier Fly – no português Mosca Soldado Negra (BSF).

Segundo Juliana Novelli, gerente de marketing da Soft Care, a proteína de BSF é um ingrediente inovador com alto valor nutricional e excelente desempenho funcional.

“Rica em ácido láurico, aminoácidos essenciais e vitaminas, a farinha de BSF é uma fonte de proteína de elevada qualidade, que apresenta ótima palatabilidade e alta digestibilidade. Também é considerada uma proteína hipoalergênica, tornando-se uma alternativa segura para pets com sensibilidades alimentares”, explica.

De acordo com a gerente de marketing, mais do que oferecer benefícios nutricionais, essa fonte proteica representa uma solução sustentável e ecologicamente responsável, que está alinhada às novas demandas do mercado pet por ingredientes inovadores e com menor impacto ambiental.

Para que essa proteína seja utilizada as larvas são cultivadas em meio controlado e se tornam farinhas de alta qualidade, colaborando com o meio ambiente.

Se a compararmos com a proteína bovina, por exemplo, a BSF emite 98% menos gases de efeito estufa, principalmente gases CO₂, reduz em 79% o

consumo de água para a sua produção e utiliza 90% menos território.

Além disso, garante mais de 60% de proteína bruta, tem 90% mais digestibilidade, proporcionando melhor absorção de nutrientes, é rica em aminoácidos essenciais e colabora com a saúde intestinal, imunológica e cerebral.

SOLUÇÕES ATENDEM DIFERENTES NECESSIDADES.

Dentre os lançamentos da Soft Care com proteína de BSF estão o Immunity Pet Tabs e o Serenity Pet Tabs. O Soft Care Nutri Immunity Pet Tabs tem propriedades nutricionais que podem contribuir com a saúde intestinal de cães e gatos e melhorar as defesas naturais.

“O produto foi desenvolvido para promover o fortalecimento das defesas naturais, pois tem em sua formulação, além da BSF, betaglucanas e aminoácidos essenciais, como vitamina B2, leucina, arginina, isoleucina e glutamina. Esses componentes auxiliam na recuperação muscular e participam de diversas vias metabólicas. Para complementar, o Immunity Pet Tabs é um tablete altamente palatável”, comenta Juliana.

Por outro lado, o Serenity Pet Tabs, ajuda a promover bem-estar emocional aos pets. “Essa novidade, assim como a anterior, consiste em um tablete altamente palatável e contém a proteína de inseto (BSF), que é um ingrediente rico em triptofano capaz de contribuir

para o bem-estar dos animais”, pontua.

Além disso, o suplemento participa de processos naturais ligados à produção de substâncias que ajudam no equilíbrio do bem-estar e possui valeriana e teanina, que promovem alívio da ansiedade, estresse e agressividade gerados pela alteração do ambiente.

Para complementar a gama de lançamentos, a Soft Care trouxe o Hep SamE Pet Tabs, um produto inovador com a exclusiva combinação de SamE, Silimarina e Vitamina E. “Essa formulação combina ingredientes fundamentais para a manutenção das funções hepáticas e vitamina E, que tem uma importante ação antioxidante”, afirma a gerente.

Todos os benefícios dos três suplementos podem ser desfrutados por pets que possuem algum tipo de alergia alimentar. Conforme explica a profissional, durante o processo de produção é utilizado um hidrolisado suíno com peso molecular inferior a 4 kDa e a proteína da BSF, que é considerada hipoalergênica. Essas características fazem com que não sejam desencadeadas alergias nos cães e gatos.

“A Soft Care tem como propósito trazer soluções para promover longevidade e bem-estar aos pets. A proteína da Mosca Soldado Negra é uma enorme inovação no mercado de suplementos, possui inúmeros benefícios nutricionais e apresenta baixíssimo impacto ambiental, aspectos importantes para a companhia”, finaliza. ■



A família cresceu!

SOFT
care
NUTRI



SERENITY PET TABS



Combinação de Proteína de inseto (BSF), Triptofano, Valeriana e Teanina que promovem alívio da ansiedade, estresse e agressividade causadas pela alteração do ambiente.

Você já ouviu falar na proteína BSF?

A proteína de BSF (Black Soldier Fly) é um ingrediente inovador, obtido a partir da mosca-soldado-negro, com alto valor nutricional e excelente desempenho funcional. Além dos benefícios nutricionais, a proteína de BSF é uma solução sustentável e ecologicamente responsável, alinhada às novas demandas do mercado pet por ingredientes inovadores e com menor impacto ambiental.

Quando comparada à produção de 1 kg de proteína bovina, a produção de 1 kg de farinha de inseto:

Emite 98% menos gases de efeito estufa, principalmente gases CO₂.

Reduz em 79% o consumo de água.

Utiliza 90% menos território.

IMMUNITY PET TABS



Combinação de Proteína de inseto (BSF), Betaglucanas, Vitamina B2, Leucina, Arginina, Isoleucina e Glutamina que fortalecem a resposta imunológica e auxiliam na recuperação muscular e no fortalecimento das defesas naturais.

HEP SAME PET TABS



Combinação exclusiva de SAME, Silimarina e Vitamina E, que atuam em sinergia para contribuir com o metabolismo hepático através de ação antioxidante.

CIRURGIA VETERINÁRIA EM EVOLUÇÃO

À FRENTE DE UMA DAS ENTIDADES MAIS INFLUENTES DA MEDICINA VETERINÁRIA NACIONAL, O PROFESSOR **ANDRÉ LACERDA DE ABREU OLIVEIRA** FALA SOBRE OS AVANÇOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA CIRURGIA EM PEQUENOS ANIMAIS

» CAMILA SANTOS

camila@dc7comunica.com.br

Com uma trajetória marcada pela atuação científica, acadêmica e institucional, o médico-veterinário André Lacerda de Abreu Oliveira é uma das vozes mais respeitadas quando o assunto é cirurgia em pequenos animais. Professor associado da Universidade Estadual do Norte Fluminense, ex-presidente e atual liderança científica da Anclivepa Brasil, ele tem contribuído ativamente para o avanço técnico e educacional da Medicina Veterinária. Nesta entrevista à Cães&Gatos, Lacerda faz um balanço de 2025, fala sobre as inovações cirúrgicas, as prioridades para 2026 e os desafios de qualificação que ainda marcam o setor.

Cães&Gatos - Na sua avaliação, quais foram os principais avanços e desafios enfrentados pela cirurgia em pequenos animais ao longo de 2025? *André Lacerda:* A Anclivepa Brasil apresentou grandes avanços nos últimos anos, especialmente por meio de sua principal ação: o Congresso Brasileiro da Anclivepa, que cresceu de forma exponencial e se consolidou como o maior evento de Medicina Veterinária do país. Além de ser um espaço de atualização técnica, o evento tem trazido temas cada vez mais amplos e relevantes para a profissão, como educação, participação da mulher no mercado de trabalho e saúde mental.

Outro ponto de destaque é o protagonismo internacional da entidade. A Anclivepa tem estabelecido parcerias com diversas associações e, mais recentemente, trouxe para o Brasil o Congresso Mundial do WSAVA, um marco para a Medicina Veterinária nacional.

Que inovações tecnológicas ou novas abordagens cirúrgicas vêm ganhando espaço nas salas de cirurgia veterinária e tendem a se consolidar nos próximos anos? A cirurgia veterinária tem experimentado avanços significativos em todas as suas subáreas. A ciência vem evoluindo de forma ace-

lerada, com destaque para as pesquisas translacionais, que conectam achados da medicina humana à veterinária.

Áreas como videocirurgia, ortopedia e cirurgia cardiotorácica estão entre as que mais têm se desenvolvido, impulsionadas pelo uso de tecnologias menos invasivas e mais precisas, que reduzem tempo cirúrgico e aceleram a recuperação dos pacientes.

A formação prática ainda é um dos grandes gargalos da Medicina Veterinária. Como a Anclivepa Brasil tem atuado para aproximar o ensino cirúrgico da realidade das clínicas e hospitais veterinários?

A principal ação da Anclivepa Brasil nesse sentido é a educação continuada. Por meio de congressos, simpósios

e eventos regionais, a entidade leva aos profissionais as atualizações mais recentes nas diversas áreas da Medicina Veterinária de pequenos animais.

Essa aproximação entre teoria e prática é essencial, pois permite que o conhecimento produzido nas universidades chegue de forma efetiva às clínicas e hospitais, melhorando a qualidade da assistência e a segurança dos procedimentos.

Ferramentas digitais como simuladores, realidade aumentada e impressão 3D vêm transformando o ensino e a prática cirúrgica. De que forma essas tecnologias estão sendo incorporadas à capacitação dos cirurgiões veterinários? Essas tecnologias estão sendo incorporadas de »



forma gradual, principalmente pelas universidades e pelos cursos de capacitação. Elas têm contribuído muito para o aperfeiçoamento técnico e didático, especialmente em disciplinas práticas.

Além disso, eventos como os Congressos e Simpósios da Anclivepa Brasil têm desempenhado papel importante na disseminação dessas ferramentas, aproximando os profissionais das inovações e estimulando o uso de novas metodologias de ensino-aprendizagem.

Em termos de estrutura e oferta de cursos, que resultados a Anclivepa Brasil alcançou em 2025 — e quais iniciativas merecem destaque nesse balanço do ano? Em 2025, a Anclivepa Brasil apoiou diversos eventos regionais, ampliando o acesso à informação e contribuindo para a formação continuada de colegas em todo o país.

Sem dúvida, o Congresso Mundial do WSAVA, realizado no Rio de Janeiro, foi o grande destaque. O evento proporcionou uma interação sem precedentes entre profissionais brasileiros e estrangeiros, consolidando o Brasil como referência na Medicina Veterinária internacional.

Quais serão as prioridades e novos projetos da Anclivepa Brasil para 2026, especialmente no campo da cirurgia e da formação de especialistas? Nosso foco será ampliar as ações de educação continuada e apoiar o desenvolvimento de novos conhecimentos. Pretendemos fortalecer o trabalho das regionais, incentivando projetos de capacitação técnica e científica em diferentes estados, além de manter parcerias com instituições de ensino e entidades internacionais.

O setor de cirurgia veterinária ainda enfrenta disparidades regionais e estruturais significativas no país. Como a entidade pretende contribuir para reduzir essas diferenças e ampliar o acesso à qualificação? De fato, há diferenças marcantes entre as regiões do país, principalmente no que diz respeito à estrutura e às oportunidades de capacitação. Nosso olhar está voltado especialmente para as regiões mais carentes, buscando promover o seu desenvolvimento



“ SOMENTE COM PACIÊNCIA, DEDICAÇÃO, EXPERIÊNCIA E TEMPO É POSSÍVEL FORMAR UM GRANDE CIRURGIÃO — SEM ESQUECER A IMPORTÂNCIA DA TUTORIA PROFISSIONAL ADEQUADA ”

ANDRÉ LACERDA

por meio da educação — que é, sem dúvida, o caminho mais eficaz e sustentável para transformar realidades.

Na sua visão, quais competências serão indispensáveis ao cirurgião veterinário do futuro — e como a Anclivepa Brasil está se preparando para formá-los e apoiá-los nesse processo? Existem pilares fundamentais na formação do cirurgião veterinário. Os desafios começam na graduação, com o ensino adequado das técnicas cirúrgicas básicas, passam pelo treinamento prático supervisionado, pelo contato com novas tecnologias e, ao longo do tempo, pela experiência clínica. A Anclivepa Brasil tem procurado oferecer suporte em todas essas etapas, promovendo capacitação, mentorias e oportunidades de aprendizado. Mas é importante lembrar que não há atalhos: formar um bom cirurgião exige paciência, dedicação, experiência e uma tutoria profissional sólida. ■





Premiação de fiscalização

O CRMV-SP foi destaque durante a cerimônia de abertura da 1ª Conferência Nacional de Fiscalização do Sistema CFMV/CRMVs, realizada em 3 de novembro, em Brasília.

O Regional conquistou os prêmios “Destaque de Ação Fiscalizatória” e “Transparência das Ações de Fiscalização” na pri-

meira edição do Prêmio Nacional de Fiscalização Presidente Francisco Cavalcanti de Almeida, promovido pelo Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV).

As duas premiações reafirmam o protagonismo do CRMV-SP no fortalecimento da ética profissional, na proteção da sociedade e na promoção de boas práticas de fiscalização. O reconhecimento valoriza tanto a eficiência técnica das ações de campo quanto o compromisso da autarquia com a transparência e a divulgação dos resultados alcançados.

Ação conjunta de fiscalização

UMA OPERAÇÃO integrada entre o CRMV-SP, a Coordenação de Vigilância Sanitária do Município de São Paulo (Covisa-SP) e a Coordenadoria de Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo (CDA-SP) resultou na interdição de um estabelecimento do tipo “casa de ração” que realizava o abate clandestino de aves (galinhas) e comercializava produtos de origem animal impróprios para o consumo humano.

A ação foi realizada após o Regional identificar irregularidades graves durante uma fiscalização de rotina no início do mês. No local, foram constatadas más condições higiênico-sanitárias, ausência de documentação obrigatória, comprometimento do bem-estar animal e venda de produtos sem inspeção e sem procedência.

A atuação conjunta entre órgãos fiscalizadores é essencial para resultados mais ágeis e eficazes, fortalecendo o conceito de “Uma Só Saúde” e garantindo o bem-estar animal, a saúde pública e a segurança dos alimentos.

Homenagem da PM

O CRMV-SP foi homenageado pelo Regimento de Polícia Montada da PM de São Paulo. A autarquia recebeu a Medalha do 1º Centenário do Regimento “9 de Julho”, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à corporação e à sociedade.

A cerimônia, realizada em outubro, celebrou os 133 anos da unidade e reuniu

autoridades civis e militares, entre elas o secretário estadual de Governo e Relações Institucionais, Gilberto Kassab. O Regional foi representado pela presidente Daniela Pontes Chiebao, que recebeu a comenda em nome da instituição, além de um diploma de reconhecimento por sua atividade.

A homenagem destaca o papel essencial da Medicina Veterinária na segurança pública, garantindo saúde, bem-estar e desempenho aos animais que atuam nas missões policiais.

Novas regras de publicidade

AS NOVAS regras para a publicidade na Medicina Veterinária e na Zootecnia já estão em vigor desde outubro. Voltada ao fortalecimento da ética profissional e à promoção de maior transparência na comunicação profissional, a norma busca coibir práticas abusivas, como concorrência desleal e propaganda enganosa, além de assegurar a proteção da sociedade e dos animais.

Construída a partir de debates internos, análises jurídicas e consultas públicas, a resolução define com o que pode e o que não pode ser divulgado nas comunicações de médicos-veterinários e zootecnistas. Entre as principais vedações estão: a divulgação de valores de cirurgias ou procedimentos que necessitem de avaliação clínica prévia; a promoção de produtos sem registro nos órgãos competentes; e campanhas publicitárias que prometam resultados ou tratamentos sem comprovação científica. Acesse a Resolução CFMV nº 1649/2025: www.cfmv.gov.br.



WELLPET: PROTEÇÃO PROLONGADA E PALATÁVEL PARA O CONTROLE DE PULGAS E CARRAPATOS

Manter cães livres de pulgas e carrapatos é um desafio recorrente tanto para tutores quanto para médicos-veterinários. Esses parasitas podem causar coceira intensa, lesões, alergias, queda de pelos e até transmitir enfermidades graves. Em muitas regiões, a alta infestação no ambiente cria um ciclo difícil de controlar, exigindo soluções eficazes e com duração ampliada de proteção.

Com o objetivo de simplificar essa rotina e oferecer mais tranquilidade no cuidado preventivo, WellPet é um comprimido palatável à base de fluralaner, formulado para proporcionar proteção prolongada contra pulgas e carrapatos.

A proposta do produto é entregar conveniência e eficiência em uma única dose. Sua ação prolongada garante até 45 dias de proteção contínua, auxiliando na interrupção do ciclo de vida dos parasitas e reduzindo o risco de reinfestações, um ponto crítico em lares com alta circulação de animais ou em ambientes onde o carrapato marrom é historicamente persistente.

WellPet possui palatabilidade aprimorada, tornando o processo mais simples para tutores e mais confortável para os cães. O comprimido

pode ser oferecido diretamente por via oral, sem necessidade de aplicações complexas, o que favorece a adesão ao protocolo e transforma o momento da administração em uma experiência mais tranquila para todos.

Indicado para cães a partir de 8 semanas de idade, WellPet atua contra *Ctenocephalides felis* (pulga) e *Rhipicephalus sanguineus* (carrapato), dois dos parasitas de maior relevância no país. Para atender diferentes portes e necessidades, o produto está disponível em cinco apresentações: 45 mg, 100 mg, 200

mg, 400 mg e 560 mg, permitindo ajuste preciso conforme o peso do animal.

WellPet favorece o cuidado estratégico de ectoparasitas, especialmente em épocas de maior incidência ou em regiões de temperatura elevada, onde o ciclo dos parasitas tende a ser mais rápido. Tutores ganham praticidade e conseguem manter o controle de forma mais consistente.

WellPet chega como uma alternativa moderna para quem busca aliar proteção prolongada, facilidade de uso e uma experiência mais agradável para o pet. Uma solução desenvolvida para transformar o cuidado em rotina e garantir que os cães aproveitem cada momento com mais conforto e liberdade. ■



COMPRIMIDO PALATÁVEL



Passe livre para diversão

Contra pulgas e carrapatos mesmo com banhos, praia ou piscina.

WeilPet



Alta Performance

por até **45 dias**

Veloz na proteção

Eficácia sustentada e prolongada graças ao ativo Fluralaner.



ourofino
saúde animal

INVESTIGAÇÃO EM ÔMICAS REDEFINE A SAÚDE DOS PETS

PURINA APROFUNDA PESQUISAS EM GENÔMICA, TRANSCRIPTÔMICA E PROTEÔMICA PARA CONECTAR DIETA, EXPRESSÃO GÊNICA E RESPOSTAS FISIOLÓGICAS EM ANIMAIS DE COMPANHIA

▷ **CAMILA SANTOS**

camila@dc7comunica.com.br

O avanço das ciências ômicas vem transformando o entendimento de como nutrientes influenciam mecanismos biológicos fundamentais. Na Medicina Veterinária, essa abordagem ganha relevância ao permitir enxergar a saúde animal em um nível antes inacessível — o das interações entre genes, proteínas, inflamação, imunidade e metabolismo celular. Ao longo das últimas décadas, a Purina consolidou-se como uma das principais instituições que aplicam ferramentas moleculares — especialmente genômica, transcriptômica e proteômica — para compreender, com precisão crescente, como intervenções nutricionais podem modular processos fisiopatológicos em cães e gatos.

A partir destas três áreas, avança-se para um modelo em que a dieta deixa de ser apenas fonte de energia e passa a atuar como agente modulador de vias celulares específicas, capaz de influen-

ciar expressão gênica, degradação de tecidos, resposta inflamatória e equilíbrio imunológico. A integração dessas informações sustenta a possibilidade futura de formulações personalizadas de acordo com o perfil biológico de cada indivíduo.

GENÔMICA: DESVENDANDO A RELAÇÃO ENTRE GENES E NUTRIÇÃO.

A genômica, campo que investiga o conjunto completo de genes e sua organização, constitui a base para compreender como características hereditárias e mutações influenciam predisposições a doenças. O DNA contém as instruções químicas para todas as funções celulares — e rastrear genes ativados ou silenciados em diferentes condições permite distinguir padrões entre animais saudáveis e aqueles com alterações clínicas.

A Purina foi pioneira no setor pet ao aplicar ferramentas genômicas para conectar genética e nutrição. Em 1999, em parceria com a Cornell University, apoiou a criação do Canine Reference Family DNA Distribution Center, plataforma que reuniu material genético utilizado mundialmente para mapear centenas de marcadores posicionados próximos a genes e cromossomos relacionados a doenças hereditárias. Esse acervo também contribuiu para iniciativas internacionais culminando na primeira sequência completa do genoma canino, concluída em 2004 com DNA de um cão da raça boxer.

Nos felinos, a primeira sequência completa do genoma doméstico foi publicada em 2007. A partir desse marco, pesquisadores da Purina colaboraram na construção de um mapa cromossômico de alta resolução, ampliando a precisão na interpretação de variantes genéticas. A análise da linha de descendência de três gatos de linhagens conhecidas forneceu ainda um recurso crucial para investigar doenças específicas de raças, como a doença renal policística (PKD), cuja manifestação pode ser intensificada em populações com reprodução fechada.

O aprofundamento genômico não se restringe à catalogação de genes. A empresa utiliza esse conhecimento para avaliar como nutrientes modulam a expressão gênica em condições inflamatórias, como demonstrado em estudos envolvendo cães com osteoartrite — um dos focos mais consistentes da linha de pesquisa.

TRANSCRIPTÔMICA: LENDO A ATIVIDADE GENÉTICA EM TEMPO REAL.

Se a genômica identifica o conjunto de instruções, a transcriptômica revela como — e quando — essas instruções são colocadas em prática. Cada célula contém o mesmo DNA, mas apenas parte dele é transcrita em RNA, de acordo com a função celular e com estímulos ambientais. Comparar perfis de RNA em situações de saúde e doença permite identificar quais vias biológicas estão ativadas, quais genes são regulados positivamente ou negativamente e como processos celulares se alteram sob influência dietética.

A Purina aplicou a transcriptômica de forma expressiva em estudos sobre osteoartrite (OA), condição que afeta cerca de um quinto da população canina. A análise revelou centenas de transcrições diferenciadas entre articulações saudáveis e articulações artríticas. Em OA, houve regulação positiva de enzimas degradantes da cartilagem, como metaloproteases, além do aumento de mediadores inflamatórios. Concomitantemente, enzimas que atuam como inibidores da degradação foram reguladas negativamente.

Esses achados direcionaram investigações sobre o papel do ácido eicosapentaenoico (EPA), um ômega-3 identificado como especialmente eficaz na modulação dessas vias. Em cães com lesões naturais no joelho alimentados com dietas enriquecidas com EPA, análises de fluido sinovial mostraram incorporação do ácido graxo em níveis considerados protetores para os condrocitos, além de reduções consistentes em enzimas prejudiciais à matriz cartilaginosa.

Outro estudo demonstrou que cães artríticos alimentados com uma mistura ideal de nutrientes contendo EPA apresentaram melhora de 6,9% na mobilidade, percepção relatada pelos tutores e corroborada por análises comportamentais.

PROTEÔMICA: INVESTIGANDO PROTEÍNAS E O EQUILÍBRIO IMUNOLÓGICO.

Enquanto a genômica descreve a estrutura e a transcriptômica revela a atividade dos genes, a proteômica investiga o resultado funcional desses processos: as proteínas. Elas constroem tecidos, modulam reações químicas e regulam a imunidade, sendo decisivas para a homeostase.

Um dos focos da Purina nesse cam-

po tem sido o estudo das citocinas, pequenas proteínas que orquestram a resposta imunológica. Um sistema imune equilibrado depende da regulação adequada dessas moléculas: níveis baixos demais elevam o risco de infecções, enquanto níveis excessivos provocam inflamação sistêmica e complicações metabólicas — situação comum na obesidade.

A Purina desenvolveu os primeiros painéis de citocinas específicos para animais de companhia, capazes de mensurar simultaneamente mais de 20 citocinas e hormônios. Esses painéis ampliaram significativamente a capacidade de compreensão da resposta sistêmica a diferentes condições e estão disponíveis comercialmente, contribuindo para a comunidade científica.

Com essa ferramenta, a empresa documentou aumento de citocinas inflamatórias em cães obesos e, posteriormente, demonstrou que a perda de peso resulta na redução desses marcadores, evidenciando de maneira clara o impacto direto da composição corporal sobre a inflamação e a imunidade.

O IMPACTO INTEGRADO DAS ÔMICAS NA PRÁTICA VETERINÁRIA.

A abordagem da Purina demonstra que a integração entre genômica, transcriptômica e proteômica não apenas amplia o entendimento científico, mas oferece aplicações concretas à medicina veterinária. Ao correlacionar expressão gênica, modulação de proteínas e marcadores inflamatórios, cria-se uma base molecular sólida para formular dietas terapêuticas mais precisas, especialmente para condições inflamatórias crônicas como a osteoartrite.

Esses estudos também reforçam a importância da nutrição como ferramenta de intervenção clínica e preventiva. Não se trata apenas de oferecer nutrientes, mas de direcioná-los para modificar vias biológicas específicas, reduzindo inflamação, protegendo tecidos e equilibrando a função imunológica.

Embora o futuro aponte para formulações personalizadas com base no perfil genético individual, as pesquisas atuais já demonstram avanços significativos na compreensão de como componentes nutricionais podem atuar em nível molecular para melhorar a qualidade de vida de cães e gatos. ■



GABA PEN TINA

ALIADA ESSENCIAL NA CLÍNICA DE FELINOS

AVERT BIOLAB SAÚDE ANIMAL LANÇA **DECRISE**, A PRIMEIRA GABAPENTINA REGISTRADA E APROVADA PARA GATOS NO MUNDO. A MEDICAÇÃO É O ANSIOLÍTICO DE ELEIÇÃO PARA OS ANIMAIS DA ESPÉCIE, SEGUNDO AS DIRETRIZES PARA INTERAÇÃO VETERINÁRIA CAT FRIENDLY

› DANIELLE ASSIS, DA REDAÇÃO
danielle@dc7comunica.com.br

O atendimento de felinos nos consultórios, muitas vezes, é desafiador. Para esses animais todo o ambiente externo é estressante, devido a diferentes sons, luzes e cheiros, que os tiram do seu habitat seguro.

Para tentar diminuir o estresse e a ansiedade dos gatos, são utilizadas algumas ferramentas, como a gabapentina, que nos últimos anos ganhou notoriedade no mundo.

A médica-veterinária gerente de assuntos regulatórios da Avert Biolab Saúde Animal, Amanda Cologneze Brito, e a médica-veterinária consultora de pesquisa clínica da Avert Biolab Saúde Animal, doutora pelo departamento de Cirurgia da FMVZ-USP e sócia proprietária do All Care Vet, Karina Yazbek, comentam que a medicação é, atualmente, o ansiolítico de eleição para gatos, de acordo com as Diretrizes para In-

teração Veterinária Cat Friendly, criadas pela Associação Norte Americana de Clínicos de Felinos (AAFM/ISFM).

“Ainda não havia nenhum produto registrado e aprovado no Brasil e no mundo para gatos a base de gabapentina, como o Decrise. Até então, o medicamento apenas era manipulado. Porém, algumas formas farmacêuticas como, por exemplo, em biscoitos, não garantem estabilidade e eficácia, ou era feito uso da apresentação para humanos, que somente existe no mercado em doses inadequadas para felinos, colocando a segurança do animal em risco devido à sobredosagens”, pontuam.

ALIADO NA ROTINA CLÍNICA. Segundo Alexandre Daniel, médico-veterinário com graduação, residência e mestrado em Clínica Veterinária pela FMVZ-USP e diplomado pelo American Board of Veterinary Practitioners (ABVP), com o título de especialista americano em Medicina Felina, atualmente, a gabapentina é considera- »

da um fármaco fundamental e indispensável na rotina clínica de felinos.

“É o medicamento mais prescrito no mundo todo para ansiólise em gatos, ou seja, para diminuição da ansiedade e do estresse de transporte e manipulação na clínica. É um fármaco que, depois que foi introduzido na rotina clínica, mudou a forma como conseguimos minimizar a ansiedade e o estresse em felinos, com melhora em parâmetros de contenção e no desfecho de forma global na clínica”, explica.

O especialista relata que, para gatos com histórico prévio de comportamento protetivo, é um dos fármacos de eleição para que as abordagens e interações sejam mais amigáveis, reduzindo a ansiedade do animal e de seu responsável.

“Também é um dos fármacos mais recomendados para compor protocolos de terapia multimodal no controle de dor, especialmente naqueles felinos que possuem um componente neuropático e nociplástico de dor”, pontua.

Além disso, o especialista afirma que a gabapentina foi amplamente estudada, existindo evidências robustas que mostram a sua segurança e efetividade no uso a curto prazo e longo prazo em gatos.

AÇÃO MULTIMODAL. Para a médica-veterinária e cientista social, referência no atendimento comportamental de cães e gatos, Juliana Gil, há anos a gabapentina tem um papel importante nos casos de dor neuropática.

“Porém, de uns tempos para cá, começaram a surgir várias pesquisas e publicações mostrando também a sua eficácia em gatos com quadros de medo, fobia, estresse e ansiedade durante o atendimento veterinário”, informa.

Conforme relata, esses estudos comprovaram que o fármaco, realmente, ajuda a reduzir as emoções negativas, tornando o momento da consulta muito mais tranquilo para o animal e, consequentemente, mais seguro para o profissional. “Pode-se considerar a gabapentina como uma ferramenta muito valiosa porque, além de atuar no controle da dor, ela ajuda na regulação emocional do paciente. Isso evita que o animal passe por experiências traumáticas ou de pânico no consultório. Esse aspecto é fundamental, afinal, não existe saúde física sem saúde emocional, e o contrário também é verdadeiro”, comenta.



Amanda Cologneze Brito. médica-veterinária e gerente de assuntos regulatórios da Avert Biolab Saúde Animal

nal, e o contrário também é verdadeiro”, comenta.

Mais do que ajudar os pacientes, para Gil a medicação também é de grande valia para os médicos-veterinários, visto que facilita a manipulação dos felinos, possibilitando avaliação mais completa, exames mais precisos e manejo com menos estresse.

A profissional ainda explica que, do ponto de vista comportamental e psiquiátrico, a gabapentina faz toda a diferença para os pacientes que já viveram experiências negativas no consultório, como gatos que entram em pânico, tentam morder, se tornam agressivos ou simplesmente se escondem.

“Essas situações levam muitos responsáveis a evitarem as consultas preventivas. Existem, inclusive, pesquisas mostrando que o estresse é uma das principais razões pelas quais os gatos vão menos ao veterinário. Quando usamos a gabapentina de forma preventiva antes da consulta, temos atendimentos muito mais tranquilos e, no longo prazo, menos pacientes traumatizados”, cita.

Outro dado apresentado por Juliana é que, hoje, estudos mostram resultados consistentes com o uso deste fármaco.

De acordo com ela, esses trabalhos apontam que, independentemente da



Karina Yazbek. médica-veterinária e consultora de pesquisa clínica da Avert Biolab Saúde Animal

dose, variando entre 50 e 200 mg por gato, a gabapentina reduz de forma significativa o medo e o estresse quando comparada a placebo em pesquisas du-

plo-cegas. Essa eficácia é observada tanto pelo comportamento do gato, quanto de acordo com a percepção dos tutores.

“Também há muitas evidências sobre a segurança do uso da medicação, que apresenta mínimos efeitos colaterais. Estudos mostram alterações cardiovasculares insignificantes e nenhuma interferência relevante em avaliações oftalmológicas, o que permite a sua utilização antes de exames que costumam gerar estresse”, relata.

Para complementar, a médica-veterinária afirma que o guideline mais recente da Sociedade Internacional de Medicina Felina (ISFM) recomenda o uso da gabapentina antes das consultas veterinárias, especialmente em gatos que já demonstraram medo ou ansiedade no consultório.

“Isso mostra que estamos falando de uma prática reconhecida internacionalmente e muito eficaz. Na rotina, o medicamento contribui para reduzir o estresse do tutor, melhora a experiência do veterinário e permite um atendimento mais »

DECRISE®

GABAPENTINA

PRIMEIRA GABAPENTINA DO MERCADO BRASILEIRO REGISTRADA PELO MAPA



Apresentações



VINCO FUNCIONAL

Indicação

DECRISE® é um medicamento ansiolítico indicado para gatos, com a finalidade de reduzir o estresse durante a contenção, manipulação para exame físico, coleta de material, posicionamento para exames diagnósticos e transporte por até 3 horas após a administração.

Posologia

DECRISE® demonstrou-se eficaz nas doses de 50 a 100 mg/gato em dose única, por via oral. A dose de 100 mg/gato mostrou-se mais potente e duradoura e deve portanto, ser considerada para animais mais estressados, que necessitem de sedação mais intensa e com duração de até 3 horas. De acordo com o estudo de segurança, Decrise® demonstrou-se seguro quando ministrado na dose de 200 mg/gato em dose única, durante 5 dias.

DECRISE® É UM PRODUTO SUJEITO A CONTROLE ESPECIAL. VENDA SOB PRESCRIÇÃO DO MÉDICO-VETERINÁRIO, COM RETENÇÃO OBRIGATÓRIA DA NOTIFICAÇÃO DE RECEITA.

Para mais informações, acesse a bula do produto:



Avert
BIOLAB SAÚDE ANIMAL

Onde encontrar

SAC 0800 941 5566
www.avertsaudeanimal.com.br
@avertsaudeanimal

biolab
FARMACÉUTICA

calmo, detalhado e seguro”, pontua.

No entanto, reforça que, além do uso da gabapentina, o ideal é associar técnicas de manejo de baixo estresse, pois é essa combinação que, realmente, transforma o atendimento e melhora a qualidade de vida dos pacientes.

ÚNICO NO MERCADO. Conhecendo todas essas aplicabilidades e tamanha importância, a Avert Biolab Saúde Animal lançou no mercado nacional o Decrise, o único produto registrado e aprovado no Brasil e no mundo para gatos a base de gabapentina. “Decrise é indicado para reduzir o estresse de felinos, que necessitem de contenção para manipulação e transporte por até três horas”, comentam Amanda e Karina.

Outros desafios encontrados na sua formulação foram a conquista da homogeneidade entre as partes e a tecnologia do vinco funcional. “As apresentações de 50, 100 e 200 mg foram pensadas, justamente, para atender as recomendações posológicas das diretrizes felinas e a carência mercadológica do ativo, já que em farmácia humana o produto só existe acima de 300 mg em cápsula. Além disso, os comprimidos são bissulcados, tendo vinco funcional, e muito pequenos, apresentando tamanho entre 0,6 mm e 1 cm. Todos esses detalhes visaram facilitar a administração na espécie felina”, explicam.

Já para avaliar a aceitação dos gatos, o produto passou por testes de aceitação e foram realizados estudos de eficácia e segurança. “Durante os testes os animais passaram por exame físico completo, exames hematólogicos, bioquímicos, urinários, exame neurológico e avaliação de qualquer efeito adverso com a dose recomendada e dobro da dose recomendada. Todos os estudos realizados foram aprovados pelo Comitê de Ética no Uso de Animais (CEUA), prezando sempre pelo bem-estar dos animais e seguindo as diretrizes legais vigentes”, citam.

PARTICULARIDADES FARMACOLÓGICAS. A gabapentina é um fármaco conhecido por seus efeitos ansiolíticos, sedativos, anticonvulsivantes e analgésicos. Para isso, liga-se especificamente a subunidade alfa-2-delta-1 (a2δ1) dos canais de cálcio



Juliana Gil, médica-veterinária e cientista social, referência no atendimento comportamental de cães e gatos

cio voltagem-dependentes pré-sinápticos, que estão presentes no cérebro dos mamíferos, realizando uma subsequente modulação desses canais.

“Por meio dessa ligação, inibe o fluxo de cálcio nas células nervosas, gerando a liberação reduzida de vários neurotransmissores monoaminas, como a noradrenalina, e diminuição da transmissão sináptica de neurotransmissores excitatórios específicos, como o glutamato. O resultado dessa ação é a redução do circuito de neurotransmissão do medo, que é patologicamente ativado pela ansiedade e dor”, explicam as profissionais da Avert Biolab. Além disso, alguns autores sugerem que a gabapentina possui um efeito sobre a redução da liberação fisiológica das catecolaminas durante a resposta de luta e fuga.

A gabapentina pode ser indicada como ansiolítico para gatos estressados, que necessitem de manipulação, transporte, coleta de exames e avaliação veterinária. Também é uma alternativa para gatos com dor neuropática.

“Sabe-se que os pacientes com dor crônica apresentam diminuição da qualidade de vida. Quando a dor neuropática é diagnosticada corretamente e os protocolos são indicados de acordo com as recomendações da literatura, o paciente pode ter um grande benefício no seu uso”, informam.



Janaína Peres, gerente de grupo de produtos da Avert Biolab

No caso dos cães, a dose analgésica da medicação é de 5 a 20 mg/kg duas ou três vezes ao dia. Já para gatos, varia de 3 a 10 mg/kg, também duas ou três vezes ao dia. No entanto, ao definir o protocolo deve-se avaliar as comorbidades do animal, tendo atenção especial aos pacientes nefropatas.

Na prática, a gabapentina pode ter o papel de medicação analgésica adjuvante quando associada a fármacos como: opioides, dipirona, anti-inflamatórios não esteroidais e esteroidais, anticorpos monoclonais, amantadina, antidepressivos tricíclicos, suplementos alimentares, como ômega-3 e colágeno tipo-II no caso de animais com osteoartrite, dentre outros.

Alexandre Daniel, médico-veterinário, com graduação, residência e mestrado em Clínica Veterinária pela FMVZ-USP e especialista em Medicina Felina



Contudo, Amanda e Karina ressaltam: é fundamental que os médicos-veterinários sigam as recomendações das diretrizes de controle de dor e de tratamento de doenças comportamentais e sempre devem se basear em evidências científicas para realizar as prescrições.

CUIDADOS DURANTE A PRESCRIÇÃO. Como com qualquer outro medicamento, antes de prescrever a gabapentina, é preciso tomar algumas precauções relacionadas a interações medicamentosas e comorbidades.

A gerente de assuntos regulatórios da Avert Biolab e a consultora de pesquisa clínica da companhia explicam que o fármaco não é indicado para animais que possuam hipersensibilidade à gabapentina e a outros componentes da fórmula.

Citando especificamente o Decrise, não se deve prescrevê-lo para pacientes com doença hepática grave, fêmeas prenhes e lactantes ou felinos com menos de 12 meses de idade, pois ainda não foram realizados estudos com esses grupos.

“Decrise também não é indicado para animais cardiopatas graves e/ou pacientes hemodinamicamente instáveis e nem para animais com menos de 2,45 kg, já que o estudo de segurança não incluiu gatos abaixo desse peso”, ressaltam.

Com relação as interações farmacológicas, mesmo sendo raras existem relatos de ocorrência com antiácidos à base de alumínio e óxido de magnésio e cimetidina. “Os antiácidos que contêm alumínio ou magnésio causam a redução de 24% da absorção oral de gabapentina. Dessa forma, não é recomendada a administração conjunta dos dois fármacos. Caso o uso de antiácidos seja necessário, o ideal é realizar um intervalo de duas horas entre as administrações”, informam.

MOMENTO IMPORTANTE PARA A COMPANHIA. Segundo a gerente de grupo de produtos da Avert Biolab, Janaína Peres, a empresa reconhece a importância da gabapentina como uma aliada indispensável na rotina clínica de felinos. “Atendendo a uma demanda expressiva dos médicos-veterinários, trazemos uma opção segura, eficaz e devidamente registrada. Com este lançamento, ampliamos nossa linha de produtos voltados ao comportamento fe-



Merlin de Castro, diretor da Avert Biolab Saúde Animal

lino, reforçando nosso compromisso com a classe veterinária e com a oferta de soluções cientificamente embasadas”, relata.

A profissional comenta que muitos gatos deixam de receber tratamento adequado devido à dificuldade de manejo e transporte. Assim, Decrise surge como uma ferramenta que simplifica essa rotina, contribuindo para reduzir o estresse dos animais perante esses desafios.

“Isso permite maior adesão ao tratamento, conforto e bem-estar dos animais, aspectos que se alinham diretamente à nossa missão institucional e as ações contínuas de conscientização sobre dor, comportamento e bem-estar animal, que realizamos”, afirma.

“Este lançamento reafirma o compromisso da Avert Biolab Saúde Animal em antecipar as necessidades do médico-veterinário, oferecendo atualizações e inovações que elevam a prática clínica. Seguimos dedicados a desenvolver soluções que simplificam a rotina, fortalecem a tomada de decisão e consolidam nossa posição como um parceiro estratégico do profissional”, reforça o diretor da Avert Biolab Saúde Animal, Merlin de Castro

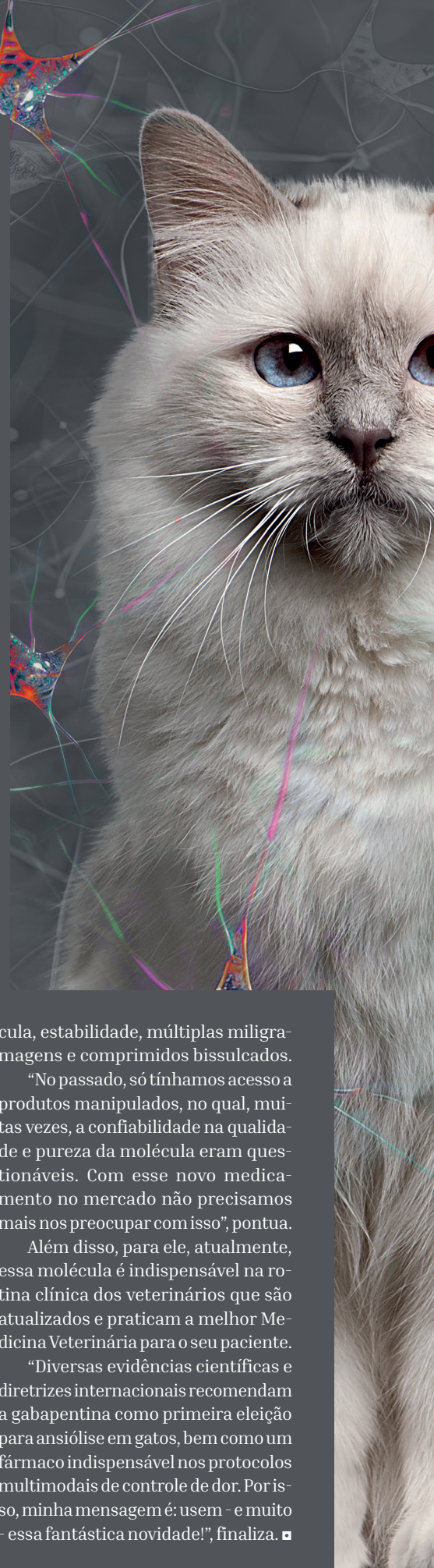
O médico-veterinário Alexandre Daniel relata que, por se tratar de uma formulação inovadora no mercado latino-americano, a Avert Biolab traz ao Brasil um produto de confiabilidade no que se refere à pureza da molé-

cula, estabilidade, múltiplas miligramas e comprimidos bissulcados.

“No passado, só tínhamos acesso a produtos manipulados, no qual, muitas vezes, a confiabilidade na qualidade e pureza da molécula eram questionáveis. Com esse novo medicamento no mercado não precisamos mais nos preocupar com isso”, pontua.

Além disso, para ele, atualmente, essa molécula é indispensável na rotina clínica dos veterinários que são atualizados e praticam a melhor Medicina Veterinária para o seu paciente.

“Diversas evidências científicas e diretrizes internacionais recomendam a gabapentina como primeira eleição para ansiólise em gatos, bem como um fármaco indispensável nos protocolos multimodais de controle de dor. Por isso, minha mensagem é: usem - e muito - essa fantástica novidade!”, finaliza. ■





quando o
CÂNCER
atinge a pele

O MASTOCITOMA É UM TIPO DE NEOPLASIA MALIGNA QUE SE DESENVOLVE, PRINCIPALMENTE, NA PELE, MAS TAMBÉM PODE CAUSAR METÁSTASES EM ÓRGÃOS DE LONGA DISTÂNCIA, DANDO ORIGEM AO MASTOCITOMA VISCERAL

› DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

Os tumores de pele são a segunda neoplasia que mais acomete os cães. Em primeiro lugar estão os tumores de mama, seguidos pelos mastocitomas, que representam de 7% a 21% dos tumores cutâneos caninos (Melo et al., 2013).

De acordo com a médica-veterinária especializada em Oncologia, cirurgias complexas e reconstrutivas e mestrandia em Medicina Veterinária com ênfase em Oncologia pela Unesp/Botucatu (SP), Daiane Duarte, o mastocitoma é uma neoplasia cutânea, que pode se apresentar como nódulo único ou múltiplas lesões na pele.

“A localização mais frequente do mastocitoma é a pele, porém ele pode se manifestar também de maneira subcutânea e atingir órgãos de longa distância, se apresentando como mastocitoma visceral. Contudo, esses casos são menos frequentes”, explica.

A doença pertence ao grupo de neoplasmas conhecidos como tumores de células redondas, em conjunto com os linfomas, histiocitomas e o tumor venéreo transmissível (Palma et al., 2009).

Daiane comenta que o tumor apresenta predisposição genética, existindo algumas raças mais predispostas, como pug, golden retriever e boxer. Estudos recentes também apontam que cães sem raça definida, cocker spaniel, pit bull terrier e shar-pei também estão entre os predispostos a neoplasia (Miller et al., 2013). “Além disso, ocorre com mais frequência em animais adultos ou de meia-idade, a partir dos oito anos”, pontua.

Por outro lado, não há relatos de predefinição sexual. No entanto, um estudo realizado por Laufer-Amorim (2011) observou

que as cadelas apresentavam mastocitomas menos agressivos, o que sugere a existência de influência hormonal no desenvolvimento da doença em cães, já que as fêmeas castradas tiveram maior risco de ocorrência (Melo et al., 2013).

DIVIDIDO EM TRÊS GRAUS. A médica-veterinária informa que o mastocitoma é classificado como de alto grau ou baixo grau, o que demonstra sua agressividade, e graduado em três escalas I, II ou III.

O problema é que os mastocitomas são capazes de mimetizar qualquer lesão cutânea e seu comportamento biológico é variável, existindo casos benignos que não comprometem o estado clínico do animal, e outros extremamente malignos, que podem provocar óbito (Melo et al., 2013).

Dessa forma, é fundamental realizar o estadiamento clínico da neoplasia, pois assim se consegue definir extensão da doença. Para isso podem ser utilizados diferentes exames, como os citológicos e/ou histológicos. “O diagnóstico é realizado através da citologia ou coleta de biópsia incisional do tumor para melhor planejamento de tratamento”, comenta a profissional.

O grau histológico do mastocitoma foi proposto Patnaik et al. (1984) e ainda é amplamente utilizado na classificação desse tipo de neoplasia por ser um sistema satisfatório e íntegro.

Através dele é possível avaliar o estadiamento tumoral e, conseqüentemente, características importantes da célula, como o grau de anisocariose, o número de grânulos citoplasmáticos e a quantidade de figuras mitóticas e de invasão tumoral em tecidos adjacentes (Otero et al. 2021).

NA CLASSIFICAÇÃO DE PATNAIK ET AL. (1894), OS GRAUS SÃO DIVIDIDOS EM:

- › Grau 1: bem diferenciado;
- › Grau 2: moderadamente diferenciado;
- › Grau 3: pouco diferenciado (ainda é o mais utilizado pelos patologistas).

Na suspeita ou confirmação da neoplasia, também recomenda-se a realização de outros exames, como hemograma completo, perfil bioquímico e urinálise, com a finalidade de avaliar a existência de possíveis síndromes paraneoplásicas e comorbidades, tais como doenças infecciosas, renais e hepáticas (LONDON & SEGUIN, 2003).

Conforme Melo et al. (2013), o estadiamento clínico do mastocitoma canino é determinado da seguinte forma:

- › Estágio 0: presença de um tumor incompletamente excisado na derme, identificado histologicamente sem envolvimento de linfonodo regional;
- › Estágio I: presença de um tumor confinado à derme sem envolvimento de linfonodo regional;
- › Estágio II: presença de um tumor confinado à derme com envolvimento de linfonodos regionais;
- › Estágio III: definido por tumores dérmicos múltiplos e tumores grandes e infiltrativos com ou sem envolvimento de linfonodo regional;
- › Estágio IV: engloba qualquer tumor com metástase à distância com envolvimento de sangue ou medula óssea. »

Vale saber que os estágios de I a III são classificados como subestágios, sendo o um sem sinais sistêmicos e o dois com sinais sistêmicos.

Já os sinais clínicos podem ser variados e é possível visualizá-los na pele e em outros órgãos. “Os sinais clínicos variam desde um nódulo pequeno e avermelhado, até a presença de inchaço na região e manchas vermelhas, como hematomas. Também podem ocorrer quadros gastrointestinais, como vômito e diarreia, devido a liberação da histamina pela neoplasia”, cita Duarte.

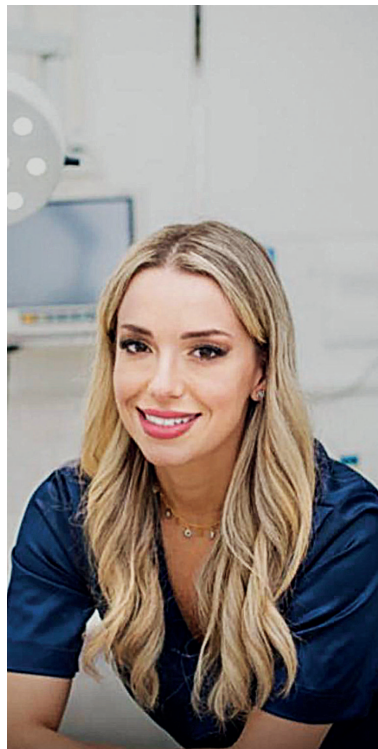
TRATAMENTO, GERALMENTE, É CIRÚRGICO. A médica-veterinária especializada em Oncologia relata que o tratamento para o mastocitoma, sempre que possível, é cirúrgico. A cirurgia pode ser curativa, especialmente, nos casos de tumores bem diferenciados. “É importante realizar uma cirurgia ampla e com margens cirúrgicas, podendo ser associada a eletroquimioterapia para ampliação das margens”, afirma.

Com isso, deve-se destacar que uma das funções da eletroquimioterapia é ampliar as margens cirúrgicas em regiões tumorais que não estão bem delimitadas. A técnica também pode ser empregada em casos de excisão cirúrgica incompleta do mastocitoma, especialmente grau II ou grau III.

Além disso, os mastocitomas de grau II e III ainda pode requerer tratamento medicamentoso. “Quando o animal apresenta múltiplas lesões, o melhor tratamento é a quimioterapia para citorredução e controle local da doença”, pontua.

Dentre os fármacos mais comumente utilizados para o tratamento desses tumores estão vimblastina, prednisona, ciclofosfamida e lomustina. Já a utilização dos inibidores de receptores de tirosinaquinase são uma opção de tratamento para os tumores que apresentam mutação em c-KIT e, nesses casos, consiste em uma das terapias mais efetivas (LONDON, 2009; JARK et al., 2012).

Há cura para o mastocitoma em cães? A profissional comenta que pode-se atingir a cura, mas isso varia de acordo com o grau da doença e a precocidade do diagnóstico. “Nos quadros em que é necessária a realização da quimioterapia para manutenção e remissão da doença, é essencial que ocorra um acompanhamento veterinário regular”, conclui.



“OS SINAIS CLÍNICOS VARIAM DESDE UM NÓDULO PEQUENO E AVERMELHADO, ATÉ A PRESENÇA DE **INCHAÇO NA REGIÃO E MANCHAS VERMELHAS, COMO HEMATOMAS.** TAMBÉM PODEM OCORRER QUADROS GASTROINTESTINAIS, COMO VÔMITO E DIARREIA, DEVIDO A LIBERAÇÃO DA HISTAMINA PELA NEOPLASIA”

DAIANE DUARTE. MÉDICA-VETERINÁRIA ESPECIALIZADA EM ONCOLOGIA, CIRURGIAS COMPLEXAS E RECONSTRUTIVAS

MASTOCITOMA E DERMATITE ATÓPICA. Pesquisas recentes apontam para a possibilidade de existir uma ligação entre a dermatite atópica e o mastocitoma.

Um estudo conduzido por Kalil e Farias (2022) avaliou a associação entre a ocorrência do mastocitoma cutâneo e da dermatite atópica em 43 cães atendidos de 2014 a 2018 no Hospital Veterinário Professor ‘Ricardo Alexandre Hippler’, da Universidade Vila Velha (ES).

Os dados foram obtidos por meio da análise retrospectiva dos prontuários de atendimento clínico e laudos de exames histopatológicos. Dentre eles, estão informações como idade, sexo, status reprodutivo, raça, localização da neo-

plasia/prurido e grau pela escala de Patnaik e Kiupel (sobrevida, remissão, cirurgia e tratamento). Depois da coleta dos dados, os proprietários dos animais foram convidados a responder um questionário contendo oito perguntas.

Após a avaliação de todas as informações, os pesquisadores notaram que, dos 26 cães diagnosticados com mastocitoma, 15 – o que representa 58% – também eram atópicos. Desses, nove (60%) eram fêmeas castradas e seis (40%) machos castrados.

Dos demais animais avaliados no estudo, ou seja, 11 cães (42%), seis (55%) eram fêmeas e cinco (45%) machos.

Como resultado se observou que os animais atópicos foram os que desenvolveram com mais frequência o mastocitoma, sugerindo que existe uma associação entre as duas doenças.

Esse levantamento demonstra que é importante considerar a associação das duas doenças na avaliação clínica dos animais, mesmo que sejam necessárias investigações mais aprofundadas para confirmar se, realmente, existe essa combinação. ■

Referências

- Jark, P.C.; Machado, L.H.A.; Sakate, M.; Calazan, S.G.; Cápua, M.L.B.; Tinucci-Costa, M.; De Nardi, A.B.; Inibidores de tirosina quinase no tratamento de mastocitomas cutâneos em cães – revisão. *Clínica Veterinária (São Paulo)*, v. 99, p. 50-56, 2012.
- Kalil, R. F. T.; Farias, P. C. G. Associação entre dermatite atópica e mastocitoma em cães. *Pubvet*, v. 16, n. 11, a 1258, p.1 - 8, 2022.
- London, C.A. Tyrosine kinase inhibitors in veterinary medicine. *Topics in Companion Animal Medicine*, v. 24, p. 106 - 112, 2009.
- Melo, I.H.S.; Magalhães, G.M.; Alves, C.E.F.; Calazans, S.G.; Mastocitoma cutâneo em cães: uma breve revisão. *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 11, n. 1, p. 38 - 43, 2013.
- Miller, W. H.; Griffin, C. E.; Campbell, K. L.; & Muller, G. H. (2013). *Muller and Kirk's Small Animal Dermatology*. Elsevier Health Sciences.
- Otero, C.V.L.; Duarte, E.G.; Oliveira, P. P.; Oliveira, T. E.; Lima, B. T. A. R. Eletroquimioterapia em mastocitoma canino: Relato de caso. *Pubvet*, v. 15, n. 03, p. 1 - 8, 2021.
- Palma, H. E.; Martins, D. B.; Basso, P. C.; Amaral, A. S.; Texeira, L. V. & Lopes, S. T. A. 2009. Mastocitoma cutâneo canino – Revisão. *Revista Científica de Medicina Veterinária – Pequenos Animais e Animais de Estimação*, v. 7, p. 523 - 528.
- Patnaik, A. K.; Ehler, W. J.; Macewen, E. G. Canine cutaneous mast cell tumors: morphologic grading and survival time in 83 dogs. *Veterinary Pathology*, v. 21, p. 469 - 474, 1984.
- Laufer, A. R. Biomarcadores prognósticos em mastocitomas cutâneos caninos, avaliação em lâminas de arranjo de matriz tecidual (TMA). 2011. 61f. Tese (Livre Docente) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade Estadual Paulista, Botucatu.



É possível a comunicação entre humanos e seus pets?

■ COAUTORA: ANA PURCHIO

Essa pergunta é bem difícil de responder, mas a Ciência pode fazer isso em um futuro bem próximo. No Reino Unido a London School of Economics and Political Science (LSE) criou no final de setembro desse ano o Jeremy Coller Centre for Animal Sentience, o primeiro centro científico totalmente dedicado a fazer pesquisas empíricas sobre a consciência de animais.

Foram investidos inicialmente 4 milhões de libras esterlinas, o que equivale cerca de R\$ 30 milhões e o objetivo das pesquisas é investigar desde animais domésticos até espécies que, segundo a evolução, são consideradas distantes dos seres humanos, como por exemplo insetos e caranguejos.

Nesse centro foram reunidos especialistas de diversas áreas como neurociência, filosofia, medicina veterinária, direito, biologia evolutiva, ciência comportamental, ciência da computação, economia e inteligência artificial e a aposta é o uso da IA como uma ferramenta para transformar a forma como a sociedade percebe, compreende e interage com os pets.

Um dos projetos se concentra na bus-

ca de desenvolver formas de comunicação entre humanos e seus pets, além de examinar os riscos ligados ao uso de IA nesse contexto. O diretor do centro, Prof. Jonathan Birch, alega que a personalização excessiva das respostas geradas por IA pode levar a interpretações equivocadas sobre o bem-estar dos pets e faz um alerta: para a ausência de regulamentação quanto ao uso da IA em contextos como a necessidade de refletir sobre o papel do

cuidado com os animais nesses sistemas, além de defender o estabelecimento de limites éticos claros.

Um dos patrocinadores da iniciativa, Jeremy Coller, afirmou que a compreensão emocional e de comunicação dos pets é essencial para a superação de

práticas especistas e outro colaborador da iniciativa, Jeff Sebo, da Universidade de Nova York, falou sobre a urgência de compreender melhor o impacto humano sobre as demais espécies, reforçando que “a sensibilidade animal segue sendo um dos grandes temas negligenciados pela sociedade”.

É a ciência tentando explicar o inexplicável! ■

A COMPREENSÃO EMOCIONAL E DE COMUNICAÇÃO DOS PETS É ESSENCIAL PARA A SUPERAÇÃO DE PRÁTICAS ESPECISTAS

José Luiz Tejon é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 35 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Professor convidado na FGV In Company, FIA/USP e INSPER. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agroceres e da Jacto S/A.

Ana Purchio é jornalista, pós-graduada em mídias sociais pelo Senac e cursando Psicologia. Trabalhou no jornal O Estado de S. Paulo, na Agência Estado, na Associação Brasileira de Agronegócio (ABAG) e atualmente é assessora de imprensa da TCA Internacional e Assessora de Comunicação da Convergência Comunicação Estratégica.

QUANDO O AMBIENTE ADOECE: O ESTRESSE OCULTO NOS GATOS

> DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

O estresse e a ansiedade em gatos vão muito além das alterações comportamentais, tendo um efeito importante na saúde desses animais. No entanto, eles possuem gatilhos estressores diferentes dos cães, sendo necessário conhecê-los a fundo para tratar ou prevenir o problema.

A médica-veterinária pós-graduada em Etologia Clínica Veterinária e certificada pelo programa Fear Free for Pets, Bárbara Georgetti, explica que os aspectos que desencadeiam estresse em felinos variam muito entre os indivíduos.

“Dentre os mais comuns estão um ambiente não adaptado para as necessidades felinas, conflitos com outros gatos, alterações na rotina da casa, idas ao veterinário e dor ou desconforto físico. No entanto, mais importante que o estímulo em si é a imprevisibilidade e a falta de controle desse estímulo. Aqui a sensação de controle é essencial. Quando o gato perde a possibilidade de escolher, evitar, antecipar ou modular a situação, ocorre a ativação do sistema de resposta à ameaça”, explica.

Para a profissional, essa perda de controle dos felinos costuma aparecer, especialmente, no ambiente físico, quando o gato não consegue se sentir seguro no próprio território.

Dessa forma, mudanças repentinas, falta de esconderijos, ausência de pontos elevados e alterações bruscas de rotina diminuem sua capacidade de se orientar e controlar a exposição aos estímulos.

No mesmo sentido, a convivência com outros gatos é fonte importante de estresse. “A ideia de que “gatos precisam de outros gatos” é um mito.

Eles podem formar grupos, mas isso depende de compatibilidade, espaço adequado e quantidade de recursos disponíveis. Quando essas condições não existem, a presença de outro felino pode ser uma fonte contínua de tensão, mesmo quando não há agressões explícitas. Ver gatos pela janela ou no muro também pode gerar insegurança territorial. Não por acaso, a agressividade entre os animais da mesma casa é uma das queixas mais comuns em atendimentos comportamentais”, relata.

Somado a tudo isso, Georgetti afirma que doenças e desconfortos físicos também são desencadeadores importantes de estresse. Dor, prurido, náusea, problemas urinários e outras condições reduzem a tolerância do gato a estímulos ambientais e sociais.

Inclusive, o próprio processo de adoecimento, que inclui ida a consultas veterinárias, manipulações, administração de medicações e odores diferentes, pode aumentar a sensação de ameaça e diminuir ainda mais a tolerância a mudanças.

POSTURA CORPORAL É UM SINAL IMPORTANTE. A avaliação da postura corporal representa a forma mais imediata de reconhecer o estresse em gatos.

De acordo com a médica-veterinária, o corpo do felino é extremamente expressivo e costuma refletir, de maneira clara, o nível de tensão do momento mesmo quando o animal permanece silencioso ou aparentemente imóvel.

“As orelhas são um dos primeiros indicadores e tendem a ficar lateralizadas ou voltadas para trás quando o gato está desconfortável. A musculatura facial se contrai, especialmente na


região entre os olhos, fazendo com que eles fiquem semicerrados. Os bigodes também mudam de posição, se apresentando mais espaçados e projetados para a frente. Já as pupilas podem se dilatar tanto por aumento da excitação, quanto por mobilização do sistema de resposta ao estresse”, exemplifica.

Outro marcador importante é o rabo. Esse pode permanecer bem colado ao corpo ou para o alto com aspecto eriçado e, também, apresentar movimentos rápidos e fortes, como o movimento de “chicote”, indicando aumento de tensão.

Ainda conforme Bárbara, em situações de estresse intenso o gato pode alterar todo o volume corporal: alguns se contraem, diminuindo a silhueta e tentando parecer menores, enquanto outros “aumentam de tamanho”, arqueando as costas e eriçando os pelos. Essas mudanças são rápidas e refletem o estado emocional do animal com grande precisão.

Além disso, o estresse e a ansiedade são capazes de modificar os comportamentos naturais dos felinos. Como esses animais são rotineiros, qualquer variação no padrão habitual, tal como, dormir mais em locais escondidos, explorar ou brincar menos, evitar determinados cômodos e deixar de interagir com tutores, deve ser interpretada como um sinal relevante.

“O estresse também pode desencadear respostas fisiológicas conhecidas como “sickness behaviors”, como vômito, diarreia, diminuição de apetite e letargia. Esses sinais não representam doenças específicas, mas indicam que o organismo está mobilizando sistemas fisiológicos associados ao es-



três e que, se o quadro persistir, podem surgir problemas médicos secundários. Por isso, mudanças desse tipo nunca devem ser minimizadas”, alerta.

ANSIEDADE REQUER ATENÇÃO. Nos felinos a ansiedade pode ser observada tanto na forma pontual, ou seja, desencadeada por situações específicas, quanto generalizada, no qual o gato permanece em alerta constante mesmo sem um gatilho claro.

Contudo, muitos dos seus sinais são mal interpretados e considerados “normais” pelos responsáveis pelos animais e veterinários, pois a espécie é altamente sensível a mudanças, depende fortemente de previsibilidade e de controle sobre o próprio ambiente e tende a mascarar sinais de desconforto emocional.

“Quadros de ansiedade, frequentemente, passam despercebidos até que o comportamento do gato já esteja significativamente alterado ou que surjam sinais fisiológicos relacionados ao estresse crônico. Situações comuns do cotidiano, como reorganização da casa, chegada de visitas, interações inconsistentes com o tutor, conflitos sociais com outros gatos ou visitas ao veterinário, podem criar um ambiente de incerteza suficiente para desencadear ansiedade nesses animais”, comenta a especialista.

Por mais que muitos gatilhos de estresse também possam desencadear ansiedade nos felinos, alguns medos comuns, como barulhos súbitos e fogos de artifício, assim como experiências traumáticas, desempenham um papel importante nesses quadros.

“Com isso, os principais gatilhos incluem tanto fatores ambientais, que reduzem segurança e controle, quanto estímulos específicos associados a medo, falta de socialização adequada na infância e experiências negativas que ensinaram ao gato a esperar que algo ruim aconteça naquela situação”, pontua.

Por outro lado, ainda existem debates quanto à ansiedade de separação nos felinos. Georgetti afirma que esse problema é relatado na literatura, mas é menos comum do que em cães. Como consequência, há menor conhecimento sobre o tema na espécie.

“Os gatos são altamente sensíveis à previsibilidade, ao controle e à estabilidade do ambiente. Dessa forma,

comportamentos associados à separação, muitas vezes, refletem alterações no ambiente mais do que um vínculo dependente semelhante ao canino. Em muitos casos, o que é interpretado como “ansiedade de separação” corresponde a ansiedade desencadeada pela quebra da rotina ou pela perda temporária de elementos que garantem estabilidade e não necessariamente a um apego patológico ao tutor”, explica.

ESTRESSE X SAÚDE. Na prática clínica é possível observar diferentes alterações orgânicas desencadeadas pelo estresse nos felinos. Mais do que reduzir a qualidade de vida e, potencialmente, a expectativa de vida, essa condição contribui para o surgimento, recorrência ou agravamento de várias condições clínicas.

Segundo a médica-veterinária, no sistema urinário o estresse está entre os fatores mais estudados da cistite intersticial felina. Níveis elevados de catecolaminas foram identificados em gatos com a doença, retornando ao basal após períodos de enriquecimento ambiental.

Vale ressaltar que muitos os trabalhos demonstram que os estressores ambientais exacerbam os sinais e que intervenções ambientais reduzem tanto a frequência quanto a severidade das crises.

“O sistema gastrointestinal é igualmente sensível ao estresse. Diarreia intermitente, vômito, hiporexia e anorexia são relatados em gatos expostos a situações estressantes. Neste contexto, comportamentos como evitar a eliminação ou defecar fora da caixa de areia também podem ser observados”, comenta.

Já no sistema imunológico a ativação contínua do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HPA) aumenta a liberação de glicocorticóides, que suprimem a imunidade e favorecem processos infecciosos.

“Em um estudo com animais de gatis, felinos com altos níveis de estresse apresentaram risco cinco vezes maior de desenvolver infecções do trato respiratório superior. Outros estudos demonstraram que o herpesvírus felino (FHV-1) foi eliminado em níveis significativamente mais altos por gatos expostos ao estresse e situações estressantes aumentaram a susceptibilidade à Peritonite Infecciosa Felina (PIF)”, cita.

Os efeitos negativos do estresse também são vistos no sistema tegu-

mentar. Bárbara relata que a permeabilidade epidérmica pode ser alterada, agravando condições como dermatite atópica em indivíduos predispostos.

Outro aspecto a ser considerado é a lambedura excessiva, que está fortemente associada a fatores ambientais e sociais estressantes, embora seja imprescindível descartar causas médicas para a condição, pois a alopecia psicogênica é subdiagnosticada.

“O estresse ainda exerce influência em outros sistemas. Hiperglicemia transitória induzida por estresse é relatada em gatos. Condições respiratórias, cardíacas e reprodutivas também podem ser afetadas. Em gatas prenhes, o estresse materno foi associado a filhotes com menor peso ao nascer e ganho de peso mais lento e há evidências de que fatores estressores podem interferir em funções hipofisárias e ovarianas”, pontua.

Já do ponto de vista comportamental e social, o estresse crônico pode resultar em frustração, fobias, compulsões (como síndrome de pica e alopecia psicogênica), marcação urinária, agressividade e abandono.

ESTRATÉGIAS EFICAZES. As estratégias de manejo para reduzir estresse e ansiedade em gatos dependem unicamente do estímulo desencadeador.

Georgetti afirma que a primeira etapa é identificar o que provoca a resposta emocional, seja um conflito social, um estímulo ambiental específico, manipulação aversiva, mudança de rotina, presença de visitas, barulhos, transporte, manejo veterinário ou a ausência do tutor. A partir dessa identificação, o manejo deve priorizar a construção de um ambiente que permita ao gato exercer controle, previsibilidade e expressão natural de comportamento.

“Para isso é essencial atender aos cinco pilares das necessidades felinas: oferta de recursos ambientais adequados e distribuídos, oportunidades de exploração e brincadeira, locais seguros para descanso, interação social positiva e voluntária com humanos e um ambiente físico que permita o exercício do comportamento felino típico. Um ambiente estruturado dessa forma reduz a ativação crônica do sistema de estresse e melhora o bem-estar e a estabilidade comportamental”, esclarece. »

Quando possível, conforme a profissional, o estímulo desencadeador deve ser evitado ou modificado para reduzir sua intensidade.

Nas situações em que não se consegue eliminá-lo totalmente, deve-se realizar dessensibilização e contra-condicionamento, apresentando o estímulo de forma controlada, em baixa intensidade e o associando a consequências positivas. Essas técnicas exigem progressão lenta e devem sempre respeitar o limiar emocional do animal.

“Em alguns casos podem ser utilizados feromônios sintéticos como adjuvantes para favorecer segurança e estabilidade emocional. Medicamentos ansiolíticos ou moduladores de humor podem ser indicadas de forma complementar, desde que inseridas em um plano multimodal, que inclui ajustes ambientais e modificação comportamental. O objetivo não é substituir o manejo, mas reduzir a reatividade emocional para que o gato seja capaz de responder melhor às intervenções comportamentais”, aconselha.

De forma geral, quando necessários, são utilizados nos felinos fármacos ansiolíticos ou antidepressivos, que atuam na regulação de neurotransmissores envolvidos na resposta ao estresse, como serotonina, noradrenalina e ácido gama-aminobutírico (GABA).

“Em quadros crônicos ou de base ansiosa, os tricíclicos, como clomipramina, e os inibidores seletivos da recaptção de serotonina, como fluoxetina, são frequentemente empregados por sua ação gradual na modulação do humor, melhora de impulsividade, redução de hipervigilância e maior estabilidade emocional”, informa.

Já em situações pontuais, como transporte, visitas, manejo veterinário ou estímulos ambientais aversivos, ansiolíticos de ação pontual podem ser úteis para reduzir a ativação aguda, como gabapentina, trazodona ou benzodiazepínicos.

“A escolha do fármaco deve considerar o perfil clínico do animal, a presença de comorbidades, a interação com outros medicamentos e características específicas do problema comportamental apresentado”, cita.

Mesmo essas medicações sendo consideradas seguras para uso prolongado, o acompanhamento veterinário é essencial

para ajustar doses, monitorar efeitos adversos e avaliar a resposta ao tratamento.

Por outro lado, Bárbara relata que até o momento não existem estudos que demonstram a consistente eficácia de homeopáticos, especialmente quando comparados às abordagens comportamentais e farmacológicas tradicionais, para o manejo de ansiedade e estresse em felinos. “Como essas alternativas

não apresentam ação farmacológica capaz de modular a resposta emocional do gato, seu uso pode atrasar intervenções realmente eficazes, especialmente em quadros moderados ou graves. O manejo adequado deve sempre priorizar ajustes ambientais, técnicas de modificação comportamental e, quando necessário, medicações com eficácia comprovada”, conclui.

GUIA DAS NECESSIDADES AMBIENTAIS FELINAS

O GUIA das necessidades ambientais felinas foi elaborado pela American Association of Feline Practitioners (AAFP) e pela International Society of Feline Medicine (ISFM), tendo como finalidade organizar as necessidades ambientais dos gatos em cinco pilares.

1 A médica-veterinária explica que o primeiro pilar diz respeito à oferta de um local seguro com tocas, esconderijos e prateleiras altas, onde o gato possa se recolher, observar à distância e retomar o controle da situação.

2 “O segundo pilar refere-se aos recursos essenciais, que precisam ser multiplicados e bem distribuídos pela casa para que o animal consiga acessá-los sem medo ou conflito”, pontua.

Quando recursos como comida, água ou caixas de areia ficam concentrados em poucos pontos, o acesso deixa de ser controlado pelo gato. Isso acontece, por exemplo, quando um felino fica parado no meio da cozinha e impede que outro chegue à caixa de areia na lavanderia ou quando a comida está na cozinha e há visitas na sala, o que obriga um gato com medo de pessoas a atravessar um espaço que considera ameaçador.

“Quando o animal não consegue escolher o momento de usar seus recursos, a sensação de segurança e controle diminui e o estresse aumenta”, complementa.

3 Além disso, é importante que o ambiente permita que o animal expresse seus comportamentos naturais, especialmente aqueles ligados à brincadeira e a expressão de comportamento predatório. Por isso, con-

forme Bárbara, esse é o terceiro pilar das necessidades ambientais felinas. A brincadeira é fundamental e, quando o ambiente restringe essas ações, o gato perde alternativas para ajustar sua excitação e interpretar o espaço com segurança, tornando-se mais reativo.

4 Já o quarto pilar fala sobre o ambiente social, mais especificamente a respeito da relação com os humanos. “O animal precisa ter controle sobre quando deseja contato e quando prefere espaço. A rotina também contribui para essa previsibilidade: horários consistentes de alimentação, brincadeira e interação ajudam o felino a antecipar o que acontecerá ao longo do dia. Já atitudes como forçar o colo, insistir em carinho ou mexer nele enquanto dorme, retiram seu controle da situação e tornam o responsável um estímulo imprevisível”, esclarece.

5 O quinto pilar do Guia das necessidades ambientais felinas está relacionado ao olfato, que é o principal sentido usado pelos gatos para reconhecer o território e se orientar dentro dele.

“Produtos de limpeza fortes, aromatizadores e areias perfumadas, por exemplo, podem alterar esse “mapa olfativo” e fazer com que o animal perca referências importantes de segurança”, cita. ■



ESCANEIE E
SAIBA MAIS.



CEBPET: Um novo marco em nutrição pet no Brasil

O Centro de Excelência da Trouw Nutrition para blends e premixes especiais Pet, desenvolvido para oferecer **inovação, segurança e soluções sob medida** às marcas de Petfood no país.



- ✓ **Segurança total com rastreabilidade completa**
- ✓ **Expertise global e blends sob medida**
- ✓ **Ciência + inovação: cada fórmula combina mais de 90 anos de conhecimento**

TROUW NUTRITION INAUGURA FÁBRICA PARA O MERCADO PET

PARA IMPULSIONAR CRESCIMENTO DE MAIS DE DOIS DÍGITOS AO ANO NO SEGMENTO PET, NOVA UNIDADE FABRIL PODE **QUINTUPLICAR CAPACIDADE DE ATENDIMENTO**

A Trouw Nutrition anunciou a inauguração de uma nova fábrica voltada à produção de blends e premixes especiais para pet na cidade de Arujá, na Região Metropolitana de São Paulo e Alto Tietê. O objetivo é impulsionar ainda mais o ritmo de crescimento da companhia, de mais de dois dígitos ao ano apenas no segmento pet, e consolidar a presença neste mercado estratégico. O complexo CEBPET (Centro de Excelência em Blends e Premixes Especiais Pet) foi projetado em uma área exclusiva de 3.000m² e entra em operação no mês de dezembro.

O projeto, dimensionado para quintuplicar a atual capacidade de atendi-

mento da companhia e com possibilidade de expandir ainda mais a produção no futuro, faz parte do plano de expansão da empresa e deve dobrar a produção atual já no primeiro ano de operação. A Trouw Nutrition concluiu neste ano dois novos centros de distribuição em Maringá, no Paraná, e Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, além de adquirir robôs de última geração para uma planta especializada em suplementos para ruminantes da marca Bellman em Mirassol, no interior de São Paulo.

O diretor Geral da Trouw Nutrition para a América Latina, Augusto Adami, destaca a confiança da empresa no mercado brasileiro e investimentos futuros

no país. “Estamos investindo no Brasil e seguimos com planos contínuos de expansão para acompanhar o crescimento do mercado”, disse Adami. De acordo com ele, a nova planta foi planejada para atender 100% das necessidades das principais marcas de pet food do país, com inúmeras possibilidades de combinação de ingredientes. “O CEBPET reflete o nosso compromisso de crescer lado a lado com o mercado brasileiro e com as marcas de pet food que nele atuam”.

O Brasil é o terceiro maior produtor de rações para animais, atrás apenas da China e dos Estados Unidos. Para se ter uma ideia, um levantamento do Sindirações apontou que o país produziu 91,1 mi-



lhões de toneladas de ração e sal mineral no ano passado. Destas, 4 milhões de toneladas foram apenas para alimentos de cães e gatos. Para este ano, a previsão da entidade é que a produção de alimentos para cães e gatos seja de 4,1 milhões toneladas e a expectativa é de crescimento entre 1,5% e 2% nos próximos anos.

O CEBPET. O head de Marketing Estratégico da Trouw Nutrition na América Latina, Frederico Glaser, afirma que os estudos que deram origem a este projeto começaram em meados de 2023 e culminaram na construção do primeiro Centro de Excelência PET com estas capacidades no Brasil. Ele surgiu através de um trabalho de colaboração junto aos clientes para chegar a uma unidade sob medida para responder às necessidades atuais e antecipar as demandas futuras do setor. O CEBPET oferece versatilidade total na formulação de produtos, desde misturas de alto volume até fórmulas extremamente complexas e personalizadas. E essa flexibilidade permite atender tanto marcas consolidadas quanto novos projetos focados em linhas premium, naturais e funcionais.

Segundo ele, a unidade fabril foi projetada com os controles de processo e automação mais avançados, para atingir máxima segurança e rastreabilidade na produção. “O rigor do sistema de qualidade acompanha cada etapa, desde a seleção de matérias-primas até o produto final”. A estrutura conta com zonas específicas e isoladas para recepção e armazenamento de matérias-primas, salas de preparo e micro pesagem com controle rigoroso, uma torre de mistura totalmente automatizada, além de áreas destinadas ao armazenamento de produtos acabados e um pátio logístico integrado, que assegura eficiência e fluidez em todo o processo produtivo.

“O CEBPET reúne mais de 90 anos de expertise global da Trouw Nutrition e incorpora metodologias exclusivas que asseguram total controle e rastreabilidade das matérias-primas e processos. Além disso, conta com o suporte do MasterLab, nossa rede global de laboratórios, equipada com tecnologia de ponta para análises de qualidade, e com o know-how consolidado nos Estados Unidos em misturas de ingredientes complexos, que garantem uniformidade e pre-



Felipe Cabanne, líder de Espécie PET da Trouw Nutrition na América Latina, **Frederico Glaser**, head de Marketing Estratégico da Trouw Nutrition na América Latina, **Augusto Adami**, diretor Geral da Trouw Nutrition para a América Latina

cisão em cada grama do alimento final.

O líder de Espécie PET da Trouw Nutrition na América Latina, Felipe Cabanne, reforça que, mais do que uma nova unidade produtiva de última geração, o CEBPET estabelece um novo patamar para a nutrição pet no Brasil. “É um espaço onde conhecimento se transforma em soluções de valor, fortalece marcas, impulsiona a inovação compartilhada e consolida a Trouw Nutrition como a escolha de confiança número um do setor. E essa confiança reflete o posicionamento singular que a Trouw Nutrition consolidou ao longo de décadas, reunindo expertise global em ingredientes, unidades fabris 100% dedicadas, altíssimo nível de customização e segurança, e a confiança das maiores marcas de pet food do mundo”.

SUSTENTABILIDADE. A sustentabilidade é um dos pontos altos da nova operação. “O projeto do CEBPET foi desenvolvido para minimizar impactos ambientais desde a construção, com foco em uso racional de materiais e redução de desperdícios. A unidade opera com energia 100% renovável, e possui projetos e programas de reciclagem e destinação adequada de resíduos. Além disso, a Trouw Nutrition mantém, globalmente, o compromisso inegociável com segurança, bem-estar e responsabilidade ambiental em todas as suas operações”, salientou Glaser.

Liderança no mercado pet, a Trouw Nutrition é líder no maior mercado pet do mundo, os Estados Unidos, onde atende as principais fabricantes globais de pet

food. O mesmo movimento de crescimento e sofisticação observado nos Estados Unidos está em curso no Brasil, o 3º maior mercado pet do planeta, aponta Glaser. Ele salienta que o segmento pet é um dos pilares de crescimento da Trouw Nutrition no Brasil. Para se ter uma ideia, atualmente, as tecnologias nutricionais e de proteção alimentar da companhia estão presentes em refeições consumidas por mais de 10 milhões de cães e gatos em diferentes regiões do Brasil.

Glaser pontua que, durante o planejamento estratégico de 2023, e empresa definiu o mercado pet como um dos seus principais pilares de crescimento. “Nosso objetivo é alcançar a liderança nacional no fornecimento de soluções para a indústria de pet food, sendo reconhecidos como a empresa número um em confiança, inovação e qualidade. Nosso foco é oferecer soluções sob medida para empresas que buscam diferenciação, segurança e qualidade superior, especialmente aquelas que atuam em segmentos premium e super premium”.

Ele encerra destacando o momento de consolidação e transformação do setor pet. “Mais do que volume, o foco está em qualidade, segurança e propósito. Percebemos que nossos clientes estão cada vez mais atentos ao conteúdo e à origem dos ingredientes, buscando soluções naturais, seguras e alinhadas aos novos valores dos tutores. Essa evolução reforça a importância da inovação e da personalização, aspectos centrais em nossa estratégia”. ■

INSE- TOS

NA NUTRIÇÃO PET

EQUILÍBRIO ENTRE **POTENCIAL NUTRICIONAL**
E SUSTENTABILIDADE

» ERIKA PEREIRA, MONIQUE PALUDETTI E THAIS XIMENES

Os insetos destacam-se como fontes alternativas de proteínas nas discussões sobre sustentabilidade, tanto para o consumo humano, quanto para o animal. Esse debate surge diante da possível escassez de matérias-primas e da necessidade de reduzir as emissões de gases de efeito estufa associadas ao aquecimento global¹. Entre essas fontes, as

proteínas derivadas de insetos, como as larvas da mosca soldado-negro (*Hermetia illucens*), as larvas-da-farinha (*Tenebrio molitor*) e os grilos-domésticos (*Acheta domesticus*) vêm sendo estudados como ingredientes alternativos para a nutrição de cães e gatos².

A produção de insetos apresenta pegada de carbono significativamente menor em comparação às fontes de proteína de origem animal. Essa dife-



rença é avaliada pela quantidade de dióxido de carbono equivalente liberada por quilograma de produto (kg CO² Eq/kg). Por exemplo, a produção de carne bovina varia entre 14,8 e 23,2 kg CO² Eq/kg e a de frango em torno de 1,99 CO² Eq/kg, enquanto as larvas da mosca soldado-negro (em inglês, *black soldier fly*, BSFL) apresentam valores mais baixos, entre 1,36 e 15,1 kg CO² Eq/kg. Além disso, os insetos podem ser criados utilizando resíduos orgânicos e subprodutos que, de forma geral, seriam descartados, agregando valor ao conceito de economia circular na produção de alimentos³.

Atualmente, as larvas da mosca soldado-negro (BSFL) são a espécie mais pesquisada e utilizada em produtos comerciais, em razão de seu elevado conteúdo proteico e alta digestibilidade (acima de 80%)⁴⁻⁶. É importante destacar que os ingredientes derivados da BSFL podem variar em sua composição nutricional conforme a matéria-prima utilizada, o que influencia as concentrações de minerais, ácidos graxos e vitaminas lipossolúveis⁶⁻⁸.

A idade em que as larvas são processadas impacta na relação proteína:energia e no grau de esclerotização do exoesqueleto. A esclerotização é o processo que aumenta a deposição de quitina no exoesqueleto, um polissacarídeo estrutural pouco digerível, que pode reduzir a digestibilidade proteica do ingrediente. Nesse contexto, larvas jovens apresentam menor teor de lipídios e quitina, resultando em maior digestibilidade, enquanto larvas mais velhas acumulam gordura e endurecem o exoesqueleto. Portanto, o processamento no estágio pré-pupal é o mais indicado, por equilibrar composição e digestibilidade^{6,9}.

A farinha de BSFL não demonstrou impactar negativamente características fecais^{6,10-12}. Além disso variáveis bioquímicas e hematológicas séricas permaneceram dentro dos valores de referência em diferentes níveis de

inclusão^{10,11,13}. A palatabilidade, no entanto, variou nos gatos conforme o nível de inclusão da farinha, enquanto os cães apresentaram boa aceitação em todos os níveis de inclusões testadas^{6,14}.

Embora a BSFL seja a espécie mais estudada, outras fontes de insetos, como as larvas-da-farinha (*Tenebrio molitor*) também apresentam potencial de utilização. Em estudo comparativo, cães tenderam a preferir alimentos secos extrusados contendo farinha de BSFL em relação aos formulados com larvas-da-farinha, enquanto gatos mostraram maior preferência pelas dietas à base de larvas-da-farinha. A digestibilidade aparente da proteína em alimentos contendo larvas-da-farinha foi de 83,6%, valor semelhante ao observado em dietas com BSFL¹⁵.

Além do valor nutricional da farinha de BSFL, este ingrediente pode conter componentes que impactam positivamente na saúde dos animais, como peptídeos bioativos e derivados do ácido láurico, que apresentam propriedades antimicrobianas¹⁶⁻²⁰, assim como a própria quitina, que pode servir como fonte de fibra insolúvel²¹.

Alguns estudos também demonstraram benefícios à saúde gastrointestinal. Em gatos, a inclusão de 37,5% de farinha de BSFL em um alimento extrusado seco por 28 dias resultou em menores concentrações fecais de amônia e maiores de ácidos graxos de cadeia curta (AGCC) e aminas biogênicas¹⁰. Em outro estudo, com duração de 70 dias, o fornecimento de um alimento seco extrusado contendo 20% de farinha de BSFL promoveu redução do pH fecal, menores concentrações de fenol, indol e ácidos graxos de cadeia ramificada, e maiores concentrações de AGCC fecais⁶.

Em cães, o uso de BSFL também foi associado à melhora da saúde bucal, da função de barreira da pele e das respostas imunológicas²²⁻²⁴. No Brasil, alimentos comerciais contendo BSFL já estão disponíveis, evidenciando o uso crescente dessa proteína no mercado nacional.

Apesar de as proteínas de insetos serem frequentemente apontadas como alternativas hipoalergênicas em alimentos para cães e gatos¹, essa indicação deve ser interpretada com cautela. Por se tratar de uma fonte proteica relativamente nova na alimentação pet, a

probabilidade de sensibilização prévia em teoria é menor. No entanto, os insetos não são completamente inéditos do ponto de vista imunológico, já que a exposição ambiental pode ocorrer facilmente por meio do contato direto com insetos ou de alimentos contaminados. Assim, embora promissora, a utilização de proteínas de insetos em dietas para alergias alimentares ainda requer mais evidências científicas.

A inclusão de proteínas derivadas de insetos em alimentos para animais de estimação representa uma alternativa viável e sustentável, capaz de contribuir para a redução das pegadas de carbono e do impacto ambiental da produção de rações³. Embora pesquisas indiquem benefícios nutricionais e funcionais associados ao uso de farinha BSFL e de outras espécies, ainda são necessários mais estudos para aprimorar o uso desses ingredientes, e outros derivados como a gordura de BSFL, e ampliar sua utilização na nutrição pet. ■



Erika Pereira, médica-veterinária com residência em Clínica Médica de Cães e Gatos pela UFF, especialização em Nutrição e Nutrologia pela ANCLIVEPA-SP e mestranda em Clínica Médica com ênfase em Nutrição de Cães e Gatos pela FMVZ-USP. E-mail: mverikapereira@gmail.com.

Monique Paludetti, médica-veterinária, ex-residente de Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal e doutoranda em Clínica Médica com ênfase em Nutrição de Cães e Gatos pela FMVZ-USP. Clínica na área de Nutrição de cães e gatos. E-mail: monique.paludetti@usp.br.

Thais Ximenes, médica-veterinária, ex-residente em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal e pós-graduanda em Endocrinologia veterinária pela Equalis Veterinária. Clínica na área de Nutrição Clínica de cães e gatos. E-mail: thais.ximenes@unesp.br.



PET FOOD EVOLUI PARA ATENDER TUTORES QUE PRIORIZAM NUTRIÇÃO DE PONTA COM PRATICIDADE

BRAZILIAN PET FOODS LANÇA PRIMEIRA LINHA NACIONAL DE ALIMENTOS ÚMIDOS 100% NATURAIS PARA CÃES E GATOS EM EMBALAGEM CARTONADA DE LONGA DURAÇÃO COM FOCO EM QUALIDADE NUTRICIONAL, SAUDABILIDADE E SUSTENTABILIDADE

▷ DANIELLE DE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

O mercado pet está evoluindo de maneira rápida, impactado pelas mudanças na relação entre os tutores e seus animais de estimação.

Como os pets são considerados integrantes da família, há uma crescente preocupação com longevidade e saúde, dois aspectos que estão diretamente interligados com a alimentação.

Somado a isso, de acordo com o relatório “Pet Food Market – Global Opportunity Analysis and Industry Forecast, 2025–2034”, divulgado pela Allied Market Research, o setor de pet food representa cerca de 76% do mercado de cuidados com pets, sendo a qualidade e os ingredientes fatores decisivos na hora da compra.

Atenta a essas demandas, a Brazilian Pet Foods inovou e trouxe ao mercado brasileiro uma novidade exclusiva: a primeira linha nacional de alimentos úmidos para cães e gatos em embalagem cartonada de longa duração.

A proposta dos novos produtos não é apenas oferecer qualidade nutricional, mas também sustentabilidade e saudabilidade. “A escolha da embalagem cartonada Tetra Recart foi estratégica, pois ela combina conveniência, segurança alimentar e sustentabilidade – pilares centrais na visão de produto da Brazilian Pet Foods. Essa tecnologia utiliza um processo de esterilização em autoclave, o que garante vida útil prolongada sem necessidade de refrigera-

ção, mantendo os nutrientes, textura e sabor natural dos alimentos”, explica o diretor comercial e de marketing da Brazilian Pet Foods, Marcos Calsavara.

NUTRIÇÃO DE QUALIDADE ALIADA A INOVAÇÃO. A tecnologia de esterilização e as camadas de proteção da embalagem cartonada combinadas são capazes de fazer com que os alimentos desta linha mantenham as suas propriedades por longos períodos sem necessidade de refrigeração. O resultado disso é uma vida útil de até 12 meses.

“Esse diferencial logístico permite maior eficiência na distribuição e armazenamento, além de reduzir desperdícios e ampliar o alcance da marca em diferentes regiões do país”, pontua Calsavara.

Anovidade, lançada dentro das marcas Snow Dog e Canister, disponíveis para cães e gatos, tem oito versões diferentes, 100% naturais e livres de corantes, aromatizantes e conservantes artificiais. Essas distintas apresentações não foram escolhidas à toa e buscam atender as necessidades nutricionais de diferentes portes e faixas etárias.

“Cada formulação foi pensada para garantir nutrição equilibrada, sabor natural e alta digestibilidade, respeitando o perfil de consumo de cada animal. O foco da linha é oferecer opções completas, naturais e seguras, ideais para tutores que buscam uma alimentação mais saudável e humanizada para seus pets”, comenta Marcos.

As receitas dos alimentos são criadas com combinações de proteínas nobres e vegetais selecionados, como frango com legumes, carne com arroz integral e peixe com vegetais, entre outras variações que equilibram sabor e valor nutricional.

“O objetivo é proporcionar uma experiência alimentar premium e natural, que reflita o cuidado e o carinho que os tutores dedicam aos seus animais”, afirma.

SUSTENTABILIDADE EM FOCO. A sustentabilidade não foi deixada de lado nessa iniciativa da Brazilian Pet Foods. Calsavara cita que a escolha pela embalagem cartonada de longa duração também levou em consideração o compromisso da empresa com práticas sustentáveis em toda a sua cadeia produtiva.

“Trata-se de uma solução mais leve, reciclável e de menor impacto ambiental em comparação as latas ou sachês”, informa.



Deste modo, se destaca como uma alternativa mais ecológica e prática tanto para o varejo quanto para o consumidor final.

OPORTUNIDADE DE CRESCIMENTO.

Atualmente, a Brazilian Pet Foods já é considerada uma das maiores fabricantes de alimentos para pets do país e com o lançamento está redefinindo os padrões do mercado. A entrada da empresa no segmento de alimentos úmidos premium visa alcançar patamares superiores. A expectativa é que a linha represente até 12% do faturamento anual da companhia, projetando um

impacto de R\$ 72 milhões no primeiro ano apenas com essa nova categoria.

“O lançamento marca um divisor de águas na trajetória da Brazilian Pet Foods. Trata-se da entrada oficial da companhia no segmento de alimentos úmidos premium, um movimento estratégico, que amplia o portfólio, diversifica receitas e fortalece a presença da marca em novas categorias de alto valor agregado”, relata o diretor comercial e de marketing da Brazilian Pet Foods.

Após a venda dos produtos iniciou em novembro e simboliza a maturidade e a visão de futuro da Brazilian Pet Foods. ■

A close-up photograph of a cat's face, looking directly at the camera. The image is overlaid with a semi-transparent pink color. The text is arranged in five horizontal bars across the center of the image.

O IMPACTO
DA DOR NA
HIPERESTESIA
FELINA, MEDO
E ANSIEDADE



► **JULYENNE CHRISTYNNE ESCRIVANI FRASNELLI**
(julyennece@gmail.com)

Felina, 3 anos, FIV / FELV negativo, resgatada abandonada adulta e castrada. Após o resgate sentiu medo, ficou escondida e sem evacuar, comportamento associado a experiência de manejo traumática com o veterinário, levando a quadro de medo extremo e ansiedade. Mesmo muito amorosa com os responsáveis, o animal apresentava medo, ansiedade e dor recorrentes.

Começou a generalizar o comportamento e apresentar crises de hiperestesia felina. Foram realizados exames de sangue, imagem e dermatológicos para descartar diagnósticos diferenciais e iniciar o tratamento.

Introduzida a alimentação comercial para gatos castrados de salmão e protocolo de tratamento com Betaglucana, Ômega-3 e alfa-casosepina 75 mg de uso contínuo até novas orientações, além de Pregabalina 2,5 mg/kg, associa-

da a Clomipramina 0,3 mg/kg, devido ao comportamento repetitivo de lambedura não ligado apenas as crises de hiperestesia, bem como aos cinco pilares, técnicas MEMO e feromonioterapia difusor.

A paciente ficou estável por um ano e meio, porém apresentou quadro de tríade felina importante e o tratamento foi suspenso pelo clínico. Após 25 dias de cuidados direcionados ao intestino, os sintomas de hiperestesia felina, medo e reclusão se intensificaram, estando associados a cistite intersticial felina.

Momentaneamente foi realizado o tratamento para a cistite com robenacoxibe 1mg/kg, Ômega-3, betaglucana 75mg, reintegrado a Pregabalina 2,5 mg/kg e incluído Frunevemab mensal após raio-x diagnosticar displasia coxofemoral bilateral moderada.

Este manejo se mantém até o presente momento com quadro estável associado a técnicas MEMO, bem como retirada gradativa da Clomipramina 0,3 mg/kg, cinco pilares e Feromonioterapia difusor.

TÉCNICAS MEMO E OS CINCO PILARES

As técnicas MEMO são um conjunto de modificações ambientais e manejos multimodais que visam melhorar o bem-estar e qualidade de vida do gato doméstico.

1 **Garanta um lugar seguro**
O gato deve ter a capacidade de sair e entrar no espaço seguro por, no mínimo, dois lados caso se sinta ameaçado. A maioria dos gatos prefere que o espaço seguro seja no alto e que caiba apenas ele. Bons exemplos de lugares seguros são: uma caixa de papelão, uma caixa de transporte de gatos e uma prateleira elevada bem

como móveis. Os locais seguros devem estar longe um dos outros para que os gatos escolham ficar sozinhos.

2 **Ofereça vários recursos ambientais separados**
Os principais recursos incluem alimentação, água, banheiros, arranhadores, áreas de brincar e áreas de descansar ou dormir. Esses recursos de- »

vem estar separados uns dos outros para que os gatos possam ter acesso livre sem serem desafiados por outros felinos ou possíveis ameaças. A separação de recursos não apenas reduz o risco de competição, como também estresse e doenças.

3 Dê a oportunidade de brincar e de um comportamento predatório

Comportamentos predatórios permitem que os gatos satisfaçam sua necessidade natural de caçar. A brincadeira pode ser estimulada com o uso de brinquedos interativos que imitam uma presa, como um rato de brinquedo que é puxado pelo chão ou penas em uma varinha que se movimenta no ar. Os gatos precisam conseguir capturar a “presa”, às vezes, para não ficarem frustrados. Introduza brincadeiras interativas logo no início da vida do gato para que ele aprenda a evitar ir para as suas mãos ou pés para brincar. Usar comedouros interativos ou bolas com comida em seu interior pode imitar a ação da caça por uma presa e oferece um comportamento de alimentação mais natural. Importante estimular o gato individualmente, pois ele caça sozinho.

4 Garanta uma interação social entre gatos e humanos que seja positiva, consistente e previsível

As preferências individuais dos gatos determinam o quanto eles gostam de interações com pessoas. Em grande parte, isso depende se, quando pequenos, eles foram introduzidos e socializados com humanos. É importante lembrar que cada gato interage de forma diferente e deve-se respeitar as preferências individuais.

5 Garanta um ambiente que respeite a importância do senso de olfato do gato

Diferentemente de humanos, os gatos usam seu olfato para avaliar o ambiente ao redor. Os gatos marcam seu cheiro esfregando a cabeça e o corpo, que deposita feromônios naturais para definir limites nos quais eles se sentem seguros e protegidos. Evite limpar o cheiro dessas áreas. Alguns odores podem ser ameaçadores para os gatos, como o cheiro de animais novos ou o uso de produtos com aroma artificial, limpadores ou detergentes.

CONSIDERANDO A IMPORTANTE RELAÇÃO ENTRE DOR CRÔNICA E OS ASPECTOS EMOCIONAIS EM GATOS, COMPREENDER E ABORDAR OS FATORES EMOCIONAIS QUE CONTRIBUEM PARA A PERCEPÇÃO DA DOR, E VICE-VERSA, É ESSENCIAL PARA UM CUIDADO INTEGRAL

Cheiros ameaçadores e a incapacidade de esfregar seu odor podem às vezes levar a comportamentos problemáticos, como urinar ou defecar fora da caixa de areia e arranhar áreas indesejáveis. Em certos casos, podem surgir doenças ligadas a estresse. Se algum desses problemas ocorrer, entre em contato com um veterinário imediatamente.

DISCUSSÃO. A síndrome da hiperestesia felina (SHF) é um distúrbio pouco compreendido em gatos, caracterizado por uma ampla variedade de sinais clínicos³, que envolvem sinais dermatológicos, neurológicos, musculoesqueléticos e comportamentais^{4,5}.

A hiperestesia felina é multifatorial e a dor pode ser um importante fator desencadeante^{2,3,4 e 5}.

A paciente em questão já apresentava histórico importante de medo e ansiedade. Ao se identificar a presença de dor associada as crises de hiperestesia foi possível instaurar um tratamento multimodal, visando contemplar os aspectos emocionais e o controle da dor.

A dor crônica é uma preocupação significativa para o bem-estar dos gatos e a dor neuropática, que surge do processamento aberrante de sinais sensoriais no sistema nervoso, é uma subcategoria desse tipo de dor¹.

Considerando a importante relação entre dor crônica e os aspectos emocionais em gatos, compreender e abordar os fatores emocionais que contribuem para a percepção da dor, e vice-versa, é essencial para um cuidado integral¹.

Tanto o distresse quanto a dor mal adaptativa alteram o funcionamento da circuitaria córtico-límbica, afetando os aspectos emocionais, cognitivos e a tomada de decisões¹.

O caso só foi solucionado quando a dor e os aspectos emocionais foram controlados de forma concomitante.

Neste contexto, a inclusão da Pregabalina pode ter sido o grande diferencial. Ao bloquear canais de cálcio voltagem dependente, o fármaco atua na esfera emocional e também é capaz de modular as etapas de transmissão, modulação e percepção da dor⁹.

CONCLUSÃO. A Pregabalina, a Betaglucana e o ômega-3 são opções importantes a serem consideradas no tratamento multimodal da hiperestesia felina associada a dor e transtornos ansiosos, principalmente pelo fato da Pregabalina atuar em canais iônicos voltagem dependente e tratar a dor neuropática e hiperexcitabilidade neuronal, ambos presentes na síndrome. ▀

Referências

1. RUSBRIDGE C. Neuropathic pain in cats Mechanisms and multimodal management. *Journal of Feline Medicine and Surgery* (2024) 26, 1-19
2. LINDEMAN K. S. M. Use of clomipramine in the treatment of anxiety-related and obsessive-compulsive disorders in cats. N. 10 March 2008. Volume 76, Issue 5, May 1998. Pages 317-321
3. BATLE P. A. RUSBRIDGE C. NUTTALL T. HEATH S. HENRY K. M. Feline hyperaesthesia syndrome with self-trauma to the tail: retrospective study of seven cases and proposal for an integrated multidisciplinary diagnostic approach. *J Feline Med Surg*. 2019 Feb;21(2):178-185.
4. CIRIBASSI J. Understanding behavior: feline hyperesthesia syndrome. *Compend Contin Educ Vet*. 2009 Mar;31(3):E10.
5. THATCHER B. Heidi. HEATH E. Sarah. Epidemiology of feline hyperaesthesia syndrome. *Icatcare and ANZCVS 2025 abstracts. Journal of Feline Medicine and Surgery* (2025) 27:1-25, p.18.
6. ELLIS S. L. H. RODAN I. CAMEY H. C. HEATH S. AAFP and ISFM Feline Environmental Needs Guidelines. *Journal of Feline Medicine and Surgery* (2013) 15, 219-230.
7. BUFFINGTON T. Multimodal environmental modification (MEMO) for prevention and treatment of disease in cats: part 1. *Feline Focus* 1(8). 275.
8. BUFFINGTON T. Multimodal environmental modification (MEMO) for prevention and treatment of disease in cats: part 2. *Feline Focus* 1(9). 311.
9. <https://todaysveterinarypractice.com/pharmacology/feline-friendly-previsit-pharmaceuticals/>

Julyenne Christynne Escrivani Frasnelli, é médica-veterinária pós-graduada em Medicina Felina, Cat Friendly Veterinary pela AAFP e Fear Free Professional



A nova fronteira da saúde pública começa na saúde animal

Em um mundo onde 60% das doenças infecciosas que atingem humanos têm origem animal, cuidar da saúde dos animais é cuidar também da saúde das pessoas e do planeta. O conceito de One Health, que integra saúde humana, animal e ambiental, deixou de ser uma tendência e passou a ser uma necessidade diante de um cenário em que zoonoses seguem entre as maiores ameaças sanitárias globais.

O Brasil vive essa realidade em múltiplas frentes. Com uma das maiores populações de animais de estimação do mundo, uma poderosa produção agropecuária e intensa movimentação de pessoas, mercadorias e produtos, o país exige vigilância permanente. A prevenção de zoonoses depende de manejo adequado, vacinação, controle de resíduos e uso correto de medicamentos veterinários. Quando esses pilares falham, as consequências ultrapassam fronteiras: aumentam os riscos de surtos, comprometem a segurança dos alimentos e colocam em risco a saúde pública.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), existem hoje mais de 200 enfermidades zoonóticas conhecidas, e elas representam 62% das doenças de notificação obrigatória no mundo. Além disso, estima-se que dois milhões de pessoas morram todos os anos em decorrência de zoonoses negligenciadas, principalmente em países de baixa e média renda. Fatores como o avanço das fronteiras agrícolas, o aumento da demanda por proteína animal, a exploração da vida silvestre e as mudanças climáticas intensificam o contato entre espécies e ampliam os riscos de novas infecções.

O impacto ambiental também é expressivo. Substâncias químicas usa-

das ou descartadas de maneira incorreta contaminam o solo e a água, perpetuando um ciclo de danos que afeta toda a cadeia. Nesse contexto, a prevenção passa necessariamente pela conscientização e pela comunicação qualificada. Em um mundo hiperconectado, com quase 5 bilhões de pessoas ativas nas redes sociais, a disseminação de informações confiáveis é tão essencial quanto o uso de vacinas ou medicamentos seguros.

O Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan) tem assumido papel central nesse diálogo, promovendo campanhas e estudos que reforçam a importância da orientação técnica e da escolha por produtos de procedência garantida. O Radar Vet, estudo nacional realizado pela Comac/Sindan, mostra um mercado em transformação: cresce o número de médicos veterinários autônomos, especialistas e ativos nas redes sociais. Esse novo perfil amplia o alcance da informação, mas também a responsabilidade de se comunicar com base científica e ética profissional.

A prevenção de zoonoses é um esforço coletivo. Envolve tutores, produtores rurais, profissionais de saúde, órgãos reguladores e a própria sociedade, que depende de alimentos seguros e ambientes saudáveis. Cada elo dessa cadeia tem papel essencial, desde o uso consciente de medicamentos até o descarte de resíduos e o combate à desinformação.

Cuidar da saúde animal é, portanto, o primeiro passo para proteger a saúde humana. Em um cenário de desafios sanitários cada vez mais complexos, informação, ciência e responsabilidade compartilhada são as vacinas mais eficazes para o futuro da convivência entre espécies. ▣

Gabriela Mura
é diretora de
mercado e assuntos
regulatórios do
Sindan



ENFRENTANDO A GENGIVOESTOMATITE CRÔNICA FELINA

CONDIÇÃO DOLOROSA E DE DIFÍCIL MANEJO,
A ENFERMIDADE DESAFIA VETERINÁRIOS E **EXIGE CONDUTAS
CADA VEZ MAIS EMBASADAS EM CIÊNCIA E EMPATIA**

» **CAMILA SANTOS**

camila@dc7comunica.com.br

Entre os desafios mais frustrantes da odontologia veterinária, a gengivoestomatite crônica felina (GECF) ocupa um lugar de destaque. A enfermidade, marcada por intensa inflamação da mucosa oral, ainda hoje impõe dilemas terapêuticos e limitações clínicas. “É uma doença que nos deixa frustrados”, reconhece Vanessa Carvalho, médica-veterinária com mais de 25 anos de atuação na área e referência em odontologia veterinária. “Estu-

damos tanto tempo para salvar dentes e, no final das contas, a única alternativa efetiva para muitos pacientes é a exodontia total ou quase total.”

A conduta, ainda que respaldada pela literatura científica, costuma gerar resistência entre tutores e até entre profissionais. “Precisamos convencer o tutor de que essa é, muitas vezes, a melhor solução para o paciente”, comenta a especialista. “E, mesmo assim, nem todos os animais melhoram completamente após a extração dentária.”

A gengivostomatite crônica felina é caracterizada por uma resposta imuno-mediada exacerbada, em que o sistema imune do gato reage de forma desproporcional frente a estímulos inflamatórios da cavidade oral. “É um processo imunológico descontrolado, em que o animal desenvolve inflamações intensas e generalizadas, muitas vezes em mucosas distantes dos dentes”, explica Vanessa. “Nenhum gato deveria ter inflamação de mucosas apenas por acúmulo de cálculo (acúmulo de placa bacteriana, que endurece e se transforma em tártaro - cálculo dental), mas nesses casos algo a mais está acontecendo.”

Entre os agentes relacionados ao desenvolvimento da doença, o calicivírus felino aparece com destaque. “Alguns estudos mostram presença do vírus em até 80% dos casos”, cita a veterinária. “Embora muitos tutores evitem o custo adicional dos testes, saber se o paciente é portador do calicivírus é importante para o prognóstico — esses animais tendem a ter lesões mais severas e úlceras linguais.”

O diagnóstico diferencial é essencial, já que quadros como gengivite juvenil, periodontite precoce e hiperplasia gengival podem simular aspectos semelhantes nos estágios iniciais. “O exame clínico detalhado é fundamental, especialmente na diferenciação entre inflamações restritas à gengiva e aquelas que ultrapassam a linha mucogengival, comprometendo mucosas laterais e fauces”, pontua.

Para Vanessa, a correta classificação do quadro é o primeiro passo

para uma conduta responsável e baseada em evidências. “O diagnóstico histopatológico é uma ferramenta importante, não apenas para confirmar a GECF, mas também para descartar outras doenças inflamatórias ou neoplásicas da cavidade oral”, observa.

COMPLEXIDADE ETIOLÓGICA E DESAFIOS NO PROGNÓSTICO.

Embora o calicivírus felino seja o agente mais frequentemente associado à gengivostomatite crônica felina (GECF), outras viroses também podem influenciar a gravidade e o prognóstico dos casos. “O vírus da leucemia felina e o da imunodeficiência felina também podem estar presentes, embora apareçam com menor frequência nos levantamentos científicos”, explica Vanessa Carvalho. “Esses animais, quando portadores de FeLV, costumam apresentar lesões menos proliferativas e menor incidência de reabsorções dentárias.”

A literatura aponta que gatos com doenças virais concomitantes têm até 7,5 vezes mais chances de não responder plenamente ao tratamento com exodontia, um dado que reforça a importância da avaliação sorológica prévia. “Saber quais agentes estão envolvidos ajuda a ajustar o prognóstico e orientar o tutor de forma realista”, acrescenta. “Costumo dizer que, de cada dez animais tratados, sete evoluem bem, mas três mantêm lesões persistentes — e muitas vezes esses três são justamente os que têm alguma virose associada.”

Ainda que as infecções virais não sejam a causa primária da doença, atuam como fatores sinérgicos, potencializando a resposta inflamatória e tornando o controle clínico mais difícil. Essa reação exagerada não se limita à cavidade oral: “Muitos desses gatos apresentam repercussões sistêmicas. Cerca de 60% têm hipergamaglobulinemia, aumento de linfócitos CD8, elevação de citocinas e fator de necrose tumoral circulante”, descreve Vanessa. “Ou seja, a inflamação é sistêmica. E, segundo a literatura, até 98% desses pacientes também apresentam esofagite,

o que explica a dificuldade de alimentação e o emagrecimento progressivo.”

O ambiente em que o gato vive também é determinante. A especialista destaca que a superpopulação e o estresse social aumentam significativamente a incidência da doença. “Mesmo em lares com apenas dois ou três gatos, o desconforto por compartilhamento de espaço pode ser suficiente para desencadear o quadro”, alerta. “Pesquisas mostram que gatos em ambientes compartilhados têm até sete vezes mais chance de desenvolver a gengivostomatite.”

Outros agentes, como bactérias e vírus pouco estudados — entre eles *Tannerella*, *Pumapillomavirus* e *Bartonella* — são citados em publicações internacionais, embora ainda sem comprovação de papel determinante. Para Vanessa, a placa bacteriana continua sendo o principal gatilho inflamatório. “Acreditamos que a placa estimule a inflamação gengival, que depois se espalha para outras regiões da boca. Por isso a extração total é, até hoje, o tratamento mais eficaz: sem dentes, não há acúmulo de placa”, afirma. “Mas ainda há muito o que entender, já que mesmo gatos completamente desdentados podem manter sintomas.”

A prevalência estimada da doença é alta: até 26% da população felina pode desenvolver gengivostomatite em algum grau. O diagnóstico histopatológico segue como ferramenta de confirmação e diferenciação. “Na biópsia, observamos infiltrado de linfócitos, plasmócitos e mastócitos, que funcionam como biomarcadores da inflamação. Quando há dúvida, recomendo coletar material — especialmente se as lesões forem assimétricas”, orienta.

Novos estudos vêm investigando justamente esses biomarcadores celulares e moleculares, em busca de terapias que controlem a resposta imune sem recorrer a condutas radicais. “Pesquisas recentes, de 2022 em diante, vêm analisando mediadores inflamatórios para tentar bloquear o processo com medicamentos ou imunoterapias”, comenta.

Em muitos casos, há também associação com reabsorção dentária ►►

do tipo 1, de natureza inflamatória, o que agrava o quadro doloroso. “Alguns pacientes desenvolvem proliferações tão intensas que chegam a ter dificuldade para deglutir ou respirar. Já precisei recorrer a terapia a laser e até a traqueostomia para evitar o óbito”, relata a palestrante.

Os sinais clínicos mais relatados pelos tutores incluem halitose, perda de apetite, dificuldade de mastigação, emagrecimento e sialorreia aparente. “Na verdade, o gato não produz mais saliva, ele apenas não consegue engolir”, esclarece Vanessa. “São animais apáticos, desidratados, que muitas vezes já passaram por múltiplos protocolos antibióticos sem sucesso.”

Esse histórico de tratamentos clínicos prolongados é um dos principais entraves ao sucesso terapêutico. “Quanto mais crônico o processo, mais difícil é reverter a ‘memória inflamatória’ da mucosa. E, infelizmente, ainda há resistência de alguns clínicos em encaminhar precocemente para o dentista veterinário”.

CONDUTAS TERAPÊUTICAS E O DESAFIO DO MANEJO CLÍNICO.

A falta de formação odontológica sólida na graduação ainda é um obstáculo no enfrentamento da gengivostomatite felina. “Poucos veterinários tiveram aula de odontologia na faculdade. É um campo em que o profissional precisa buscar conhecimento em palestras, cursos e pós-graduação — não há outro caminho”, enfatiza a especialista. Segundo ela, esse déficit formativo explica por que tantos casos são tratados de forma inadequada, com o uso repetido de antibióticos e corticoides, o que apenas agrava o processo inflamatório crônico.

O tratamento, embora frustrante para tutores e clínicos, é baseado em uma premissa simples: a eliminação do estímulo antigênico. “Podemos dividir a conduta em duas fases”, explica. “Nos casos leves, com mucosite discreta ou inflamação restrita ao fundo da boca, é possível tentar uma abordagem conservadora — tratar a doença periodontal, remover dentes comprometidos e observar a resposta.”

Nessas situações, o sucesso depende da adesão do tutor à higienização oral diária, o que, na prática, é raro. “É importante avisar que o tratamento conserva-



Vanessa Carvalho é médica-veterinária com mais de 25 anos de atuação na área e referência em odontologia veterinária

dor pode falhar e exigir nova intervenção com extrações mais amplas”, alerta.

Nos casos moderados a graves, a exodontia se torna inevitável. A remoção pode ser parcial (dos dentes caudais aos caninos) ou total, e estudos mostram que ambas as abordagens têm taxas de sucesso semelhantes. “Se a região anterior da boca estiver saudável, vale a pena preservar caninos e incisivos — reduz o tempo cirúrgico, o estresse e a dor pós-operatória”, orienta Vanessa. “Mas se não houver melhora em até dois meses, é preciso partir para a extração total.”

O pós-operatório exige controle rigoroso da dor e acompanhamento próximo. “O pico de dor ocorre nas primeiras 48 horas. Se o paciente estiver bem medicado nesse período, tende a evoluir confortavelmente”, diz. Analgésicos e anti-inflamatórios são fundamentais; o uso de antibióticos, porém, é considerado controverso. “Há 25 anos não uso antibióticos rotineiramente em doenças periodontais. Se o procedimento é limpo e bem suturado, não há motivo para infecção. Reservar o uso apenas a casos com imunossupressão ou infecção evidente.”

A especialista recomenda o uso pon-

tual de corticoides — Metilprednisolona ou prednisolona — em terapias curtas, tanto para reduzir inflamação prévia quanto para melhorar o conforto pós-cirúrgico. “Manter corticoide por semanas não traz benefício e ainda pode mascarar a resposta ao tratamento”, afirma.

O manejo analgésico deve ser multimodal, com opções que incluem tramadol, buprenorfina, gabapentina e anti-inflamatórios não esteroidais. “O tramadol ainda é a droga de eleição, embora possa causar efeitos colaterais leves, como midríase e sonolência. A gabapentina é uma aliada importante, especialmente em associação.”

Em pacientes refratários ou com resposta lenta (até 3 meses), podem ser indicadas terapias adjuvantes, como ciclosporina (3 a 5 mg/kg), interferon felino recombinante, lactoferrina e, em alguns casos, doxiciclina em dose imunomoduladora. “A ciclosporina é uma das que mais utilizo. Mas é essencial monitorar função renal e evitar em gatos com toxoplasmose latente”, ressalta.

O suporte nutricional é outro ponto crítico. “Se o tutor não consegue medicar ou o gato permanece sem se alimentar por cinco dias, a colocação de sonda é obrigatória”, reforça Vanessa. “A decisão deve ser individual: se o paciente fica internado e recebe medicações injetáveis, pode dispensar o uso. Mas jamais deve permanecer desidratado ou com dor.”

O controle radiográfico é indispensável após as extrações, para garantir que nenhum fragmento radicular permaneça. “Raízes residuais perpetuam a inflamação. Se o profissional não se sente seguro para realizar exodontias complexas, o melhor é encaminhar”, aconselha.

A docente destaca ainda o papel promissor das terapias emergentes, como o laser de baixa potência e o uso experimental de células-tronco, embora ainda sem comprovação robusta. “São caminhos promissores, mas que exigem mais estudos. Por enquanto, nada substitui a remoção completa do estímulo inflamatório”.

Em muitos dos casos acompanhados por Vanessa, a melhora clínica é visível em poucas semanas. “Já vi gatos que, em quinze dias após a extração total, pareciam outros animais — comendo, brincando, com mucosa saudável. É uma das recuperações mais gratificantes da odontologia felina”, finaliza. ■



■ INFORMAR, ESCLARECER E PROTEGER

TCLE: o documento que muda a prática veterinária contemporânea (PARTE 2)

Na Medicina Veterinária contemporânea, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) deixou de ser um papel “para assinar” e passou a ser um dos pilares da boa prática clínica. Ele integra o prontuário do paciente e registra, de forma clara, que o responsável pelo animal foi adequadamente informado e concordou com a conduta proposta.

O próprio nome já revela sua função: “consentimento” porque o responsável autoriza a realização de um procedimento; “livre” porque essa autorização não pode ser obtida por pressão ou coação; e “esclarecido” porque só há consentimento válido quando há informação compreendida.

Um dos quatro princípios da Bioética é a Autonomia, que, no Direito Médico Veterinário, significa permitir que o responsável pelo animal participe das decisões de forma consciente. Para isso, ele depende de informações claras, em linguagem acessível. O dever de informação, portanto, é a essência do TCLE, mas vai além de simplesmente transmitir dados técnico-científicos: exige esclarecimento. Cabe ao médico-veterinário traduzir esses dados para termos compreensíveis ao leigo. Informação e esclarecimento são duas faces da mesma moeda, somente juntos possibilitam o exercício real da autonomia da vontade.

Quando o responsável pelo animal compreende todo o contexto da situação clínica, o consentimento que ele dá deixa de ser um simples “sim” e passa a ser uma decisão madura, fundamentada. Esse é o verdadeiro consentimento informado: resultado de um processo de comunicação clara, sem omissões, sem promessas irrealistas e sem termos

exclusivamente técnicos. E o TCLE é um documento que formaliza esse consentimento por escrito. Ele reduz o risco de esquecimentos, mal-entendidos e alegações futuras de que “ninguém explicou nada”. É uma proteção para o paciente e seu responsável, além de ser excelente meio de prova para o profissional, em caso de questionamentos de sua conduta.

Caso real: neste julgado de set/2024, o TCLE absolveu a clínica

Na hipótese dos autos, a ré, ora apelada, trouxe em sua contestação o termo de consentimento livre e esclarecido para o procedimento amputação do membro inferior esquerdo da cadela, dentre outros documentos, desincumbindo-se do ônus de provar o fato impeditivo do direito do autor, a teor do disposto no artigo 373, II do CPC. [...] Assim, a falha na prestação do serviço não restou configurada e os fatos narrados não se mostram suficientes para ensejar indenização seja a título material ou moral. (destaques nossos)

TJRJ - Apelação Cível: 0002917-31.2021.8.19.0008, Des. Milton Fernandes de Souza, Data de Julgamento: 24/09/2024, 4ª Câmara de Direito Privado, Data de Publicação: 25/09/2024. ▣

NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Daremos continuidade ao tema TCLE, importante pilar na prevenção ético-jurídica para médicos veterinários e suas empresas. Não perca!

Ana Falcão Gierlich é advogada, especialista e mestranda em Direito Médico, fundadora do Instituto DAS – Direito Aplicado à Saúde, Profa. Convidada dos Cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado em Odontologia Legal da Faculdade São Leopoldo Mandic – Campinas/SP. Conselheira em Empresas de Saúde pela Board Academy. Diretora de Compliance da EquoSorriso Equoterapia – São José dos Pinhais/PR, Co-fundadora da CODEGEE – Consultoria, Desenvolvimento e Gestão Empresarial Ltda. Criadora do Programa de Assessoria Jurídica para Médicos Veterinários, suas clínicas e hospitais – VET FAZ DIREITO, com suporte jurídico para demandas éticas e judiciais (defesa do médico veterinário)

O NOVO TERRITÓRIO DA MEDICINA VETERINÁRIA

COMO O VÍNCULO ENTRE HUMANOS E DIFERENTES ESPÉCIES REDEFINE O PAPEL DO MÉDICO-VETERINÁRIO. **AMPLIANDO A ABORDAGEM PREVENTIVA E IMUNOLÓGICA DENTRO DA FAMÍLIA MULTIESPÉCIE**

» CAMILA SANTOS

camila@dc7comunica.com.br

A Medicina Veterinária vive um momento de transformação. O veterinário contemporâneo assume um papel ampliado: é clínico, educador e agente de saúde pública, responsável por integrar ciência, comportamento e prevenção em uma mesma prática voltada à família multiespécie.

O conceito de família multiespécie representa uma mudança profunda no modo como as sociedades se organizam e se relacionam com os animais. Deixou de ser um fenômeno afetivo para se tornar um fenômeno cultural e sanitário, com impacto direto sobre a prática clínica. Cada vez mais, os lares reúnem humanos, cães, gatos, aves, répteis, roedores e até pequenos ruminantes, formando um ecossistema vivo, no qual todos compartilham espaço, microbiota e emoções. Nesse contexto, o médico-veterinário passa a ocupar um papel ampliado: ele não é mais o clínico de um paciente, mas o médico da família multiespécie, responsável por compreender como o ambiente, o comportamento e as interações influenciam a saúde de todos os seres que vivem sob o mesmo teto.

Não tratamos mais apenas o animal. Tratamos o ambiente, as rela-

ções e a forma como todos convivem. O médico-veterinário é, de fato, o médico da família multiespécie”, afirma a médica-veterinária Dra. Oriana González, que integra conhecimentos de medicina preventiva e imunologia comparada em sua prática clínica.

A casa, para ela, é um organismo vivo. O lar multiespécie não se limita à soma de seus habitantes, mas é um sistema biológico e emocional interligado. Pele, saliva, pelos, plumas e escamas compõem uma rede complexa de troca microbiológica que precisa estar em equilíbrio. Quando há harmonia, todos se beneficiam; quando há desajuste, surgem doenças, estresse e desequilíbrio imunológico. Por isso, compreender o contexto familiar é tão importante quanto realizar exames laboratoriais. O olhar clínico deve se estender às rotinas, aos hábitos, à faixa etária dos moradores e até ao papel afetivo que cada animal ocupa dentro da casa.

De acordo com ela, “muitos pensam apenas em zoonoses quando falamos em riscos sanitários, mas o desafio é muito mais amplo. O médico-veterinário é um agente de Saúde Pública dentro dos lares. Cada orientação sobre higiene, alimentação, vacinação e vermifugação é, na verdade, uma

ação de prevenção coletiva”, explica.

Essa abordagem ganha relevância em casas com crianças pequenas, idosos, gestantes ou pessoas imunossuprimidas. Em situações como essas, protocolos de prevenção precisam ser adaptados à vulnerabilidade dos humanos e às características de cada espécie animal. “Uma vermifugação adequada, por exemplo, pode evitar que um tutor rejeite o pet durante a chegada de um bebê. Nosso papel também é educativo: esclarecer, acolher e orientar.”

A imunidade, dentro desse ecossistema, reflete o equilíbrio do ambiente familiar. Um animal com estresse



crônico, medo, falta de estímulos ou alimentação inadequada pode ter sua resposta imunológica comprometida. A imunidade está diretamente ligada ao bem-estar emocional e comportamental. “O estresse é um dos maiores inimigos da imunidade. Pode surgir tanto pela falta de estímulo quanto pelo excesso de interação ou competição por recursos. Cabe ao veterinário ajudar a ajustar a convivência, respeitando os limites de cada espécie e garantindo um ambiente seguro e estimulante”, reforça a profissional.

Em famílias com múltiplas espécies, o desafio é ainda mais complexo. Cães e gatos, por exemplo, não compartilham os mesmos códigos de comunicação; aves e roedores possuem sensibilidades ambientais completamente distintas; répteis necessitam de temperaturas e luminosidades específicas. O papel do veterinário é orientar como equilibrar esse convívio, respeitando fronteiras biológicas e emocionais e garantindo que cada indivíduo tenha espaço para expressar seus comportamentos naturais.

Quando se pensa em prevenção, o trio vacinação, controle de parasitas e nutrição imunomoduladora torna-se o alicerce do cuidado. A urbanização e a convivência íntima entre humanos e animais transformaram o cenário epidemiológico. “Hoje, os pets dormem em nossas camas e participam do cotidiano da casa. Isso aumenta a troca de microrganismos e exige protocolos de prevenção personalizados”, explica Dra. Oriana. Famílias com crianças pequenas, por exemplo, precisam de vermifugação mais frequente, já que os pequenos costumam levar as mãos à boca. Casas próximas a áreas de mata ou praia requerem controle intensivo de vetores. Já os pets que frequentam parques, hotéis e creches devem ter imunização reforçada, como ocorre com as crianças que iniciam a escola.

Além da imunização e do controle parasitário, a alimentação é um pilar indispensável. “Um animal com nutrição deficiente ou desequilíbrio intestinal terá uma resposta vacinal reduzida e menor capacidade de defesa. A imunidade começa no intestino. Nutrição, vacinação e ambiente são partes de um mesmo sistema

e precisam estar sincronizadas para que a prevenção funcione de verdade.”

Essa visão integradora se conecta ao conceito One Health — ou Saúde Única —, que reconhece a interdependência entre a saúde animal, humana e ambiental. Para Dra. Oriana, o veterinário é um elo fundamental dessa tríade. “O médico-veterinário é um agente de saúde pública. Ele atua dentro das casas, orientando famílias, educando sobre zoonoses e promovendo um ambiente mais equilibrado. Cada consulta é uma oportunidade de fortalecer a saúde coletiva.”

Mas a atuação vai muito além da clínica. Envolve também a participação em pesquisas científicas, programas de controle sanitário e formulação de políticas públicas. “De pouco adianta manter um animal saudável se o ambiente em que ele vive continua adoecido. Promover saúde verdadeira é atuar sobre o todo — o ecossistema familiar, social e ambiental.”

A medicina veterinária também se beneficia dos avanços tecnológicos. Exames laboratoriais mais precisos, testes rápidos, marcadores imunológicos, probióticos, suplementação imunomoduladora e vacinas personalizadas permitem uma abordagem cada vez mais individualizada. No entanto, tecnologia sem raciocínio clínico não tem valor. “Os recursos são incríveis, mas é o olhar científico que dá sentido aos resultados. Precisamos entender o porquê por trás de cada dado. Cada animal é um pequeno universo biológico, e nossa função é decifrá-lo”, diz a veterinária.

Outro aspecto essencial da prática moderna é o trabalho interdisciplinar. A convivência entre humanos e animais e a manutenção da imunidade coletiva muitas vezes dependem da colaboração entre médicos-veterinários, médicos humanos, psicólogos, educadores e até arquitetos, quando o tema é enriquecimento ambiental. “A saúde de uma

família é o resultado da harmonia entre seus membros. Já vi casos em que um cão com leishmaniose não motivou exames preventivos nos responsáveis. Isso revela uma falha de comunicação entre as áreas da saúde. Precisamos atuar de forma conjunta, compartilhando informações e responsabilidades.”

A Dra. Oriana defende que o veterinário é, muitas vezes, o primeiro profissional a perceber desequilíbrios que transcendem o corpo animal. Mudanças comportamentais, alergias, distúrbios alimentares e sinais de estresse podem ser reflexos de um ambiente familiar em tensão. “Quando observamos o animal, enxergamos também o reflexo da casa. Cuidar da saúde dele é cuidar de todos os que convivem com ele.”

De acordo com ela, o conceito de família multiespécie, portanto, redefine o papel do veterinário e a própria noção de saúde. A clínica deixa de ser o lugar da doença e passa a ser o espaço da prevenção, do diálogo e da educação em saúde. A escuta ativa, a empatia e o conhecimento científico se tornam ferramentas tão importantes quanto o estetoscópio. “A saúde animal é saúde humana, e ambas são expressões da saúde ambiental. O médico-veterinário não é apenas quem cura, mas quem educa, previne e promove equilíbrio dentro da sociedade. Cuidar de uma família multiespécie é cuidar da base da saúde pública”, conclui Dra. Oriana González. ■

“ TRATAMOS O AMBIENTE, AS RELAÇÕES E A FORMA COMO TODOS CONVIVEM. O MÉDICO-VETERINÁRIO É, DE FATO, O MÉDICO DA FAMÍLIA MULTIESPÉCIE ”

ORIANA GONZÁLEZ,
MÉDICA-VETERINÁRIA





GRANDE ENCONTRO DE ESPECIALIDADES

NO MÊS DE OUTUBRO, A CIDADE DE FOZ DO IGUAÇU ABRIU SUAS PORTAS PARA OS CONGRESSOS **COMLAB, COMFEL, COMCIR E COMDEV**, QUE REUNIRAM CERCA DE 2.700 PESSOAS

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

Foz do Iguaçu foi o destino escolhido pela MedVep para realizar a edição de 2025 do seu congresso de especialidades.

De 30 de outubro a 1 de novembro, a cidade funcionou como base para quatro eventos simultâneos: Congresso MedVep de Medicina Laboratorial, Hemoterapia e Hematologia Veterinária (COMLAB), Congresso MedVep de Medicina Felina (COMFEL), Congresso MedVep de Cirurgia Veterinária (COMCIR) e Congresso MedVep Internacional de

Dermatologia Veterinária (COMDEV).

Juntos, os congressos reuniram 2.100 congressistas, que se inscreveram para assistir palestras com especialistas renomados e realizar networking na feira, que contou com a participação de grandes empresas do setor.

Segundo o organizador, Dilso Bloot, a proposta de combinar os quatro eventos surgiu do desejo de criar uma feira mais robusta, que nesta edição contou com mais de 50 expositores.

Já a escolha do local não foi alea-

tória. “Nós fazemos eventos em Foz do Iguaçu há mais de dez anos, sendo uma cidade tradicional para nós. Além do atrativo turístico, temos esse centro de convenções, que na categoria de hotel é o melhor do Brasil”, comenta.

ESPECIALISTAS RENOMADOS. Os congressos COMFEL, COMLAB, COMCIR e COMDEV contaram com uma grande científica composta por palestras de temas relevantes e atuais, ministradas por especialistas conheci-



dos nacionalmente. Dentre eles, estão Heloisa Justen, Alexandre Daniel, Thiago Vendramini, Daniela Ramos, Alan Pöpl, Júlia Severo e Paulo Abílio.

Já em meio aos temas das apresentações estiveram manejo de feridas em felinos, dermatite alopecica, alopecia X, alergia alimentar, lesões de córnea e ureterolitíases. Além disso, a programação foi complementada com simpósios especiais, como os da Anclivepa SP, que trouxeram apresentações de diferentes médicos-veterinários nas áreas de Dermatologia, Cirurgia e Ortopedia no dia 31 de outubro.

Júlia Severo apresentou palestra sobre Dietas de Exclusão e Teste de Provação Oral em cães

DERMATOLOGIA EM FOCO. Um dos destaques do Simpósio de Dermatologia Veterinária – Anclivepa SP foi a palestra ministrada pela médica-veterinária mestre em Ciências pelo Departamento de Clínica Veterinária, subárea Dermatologia, pela FMVZ-USP, Júlia Severo, que abordou as dietas de exclusão e os testes de provocação (TPO) em cães com Dermatite Atópica.

Durante a sua apresentação, a profissional apontou as diferenças entre a dieta caseira e a dieta hidrolisada e ainda mostrou os possíveis protocolos para diagnosticar a alergia alimentar.

“Atualmente, o melhor procedimento diagnóstico para identificar as reações adversas aos alimentos em pequenos animais continua sendo a dieta de eliminação, seguida do teste de provocação”, comentou.

No entanto, segundo ela, a dieta de eliminação tem baixa adesão dos responsáveis pelos cães. Para minimizar erros durante a sua realização, a recomendação é escolher uma opção alimentar que se adeque ao perfil do animal e da família.

Para esse momento, se a escolha for por um alimento comercial, Júlia indica as alternativas analérgicas para a dieta de exclusão e as hipoalérgicas para a manutenção da enfermidade.

Outro ponto destacado é a importância de dar preferência a embalagens menores e com data de fabricação mais recente, por conta da possibilidade de contaminação com ácaros de estocagem.

Um dos protocolos citados pela



Heloisa Justen abordou o manejo de feridas em gatos



veterinária na palestra consiste na dieta de exclusão por oito semanas.

“Esse período de dois meses foi definido por conta de quadros de cronicidade da inflamação na pele. Contudo, se durante a dieta de exclusão o animal apresentar melhora evidente em menos tempo, já pode-se iniciar o teste de provocação”, citou.

Após a exclusão, deve-se realizar o

teste de provocação. De acordo com Severo, se a alergia for alimentar, é preciso que exista piora do quadro com a introdução de determinados alimentos.

“O ideal é que nas primeiras seis horas após o TPO se acompanhe o animal para avaliar a ocorrência de reação imediata ou tardia. Para cães, recomenda-se o teste por 14 dias e para gatos sete dias”, finalizou. ■



PETNOR 2025 REFORÇA LIDERANÇA E INTEGRA CIÊNCIA, MERCADO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO NORDESTE

EVENTO REGISTROU RECORDE DE INSCRITOS, **REUNIU MAIS DE 160 EXPOSITORES** E SEDIU MÚLTIPLOS CONGRESSOS E COMPETIÇÕES, DESTACANDO TAMBÉM DEBATES TÉCNICOS SOBRE NEUROFTALMOLOGIA VETERINÁRIA

» **CAMILA SANTOS, DE OLINDA (PE)**
camila@dc7comunica.com.br

A movimentação intensa nos corredores do Centro de Convenções de Pernambuco, entre 16 e 18 de novembro, sintetizou o momento vivido pela cadeia pet e veterinária no Norte e Nordeste. Em sua oitava edição, a Feira Petnor registrou recorde de inscritos, superou marcas anteriores de submissões científicas e consolidou-se como o principal encontro regional voltado ao conhecimento técnico, negócios e qualifica-

ção profissional. A feira reuniu mais de 15 mil visitantes – entre estudantes, médicos-veterinários, zootecnistas, empreendedores, gestores e representantes da indústria – e ocupou o complexo com uma programação robusta, que envolveu sete eventos paralelos e mais de 160 expositores.

Criada há 12 anos, a Petnor evoluiu de um encontro comercial para um hub de formação e integração profissional. O organizador do evento, Paulo André Moura, destaca que

a feira atrai participantes dos sete estados do Norte, dos nove do Nordeste e também de regiões do Centro-Oeste, Sul e Sudeste. Para ele, a expansão do público e da programação evidencia a consolidação nacional do encontro. “A feira é um local para networking. Aqui acontece o Conevepa, congresso de pequenos animais que já está na sua sétima edição”, afirma.

A programação combinou temáticas técnicas, científicas e de gestão. Entre os eventos integrados estive-





ram o Pompé Vetí, o Petnor Gestão, iniciativas voltadas a creches e comportamento animal e o campeonato de tosa Petnor Groom & Show. A lógica, segundo Moura, é manter em um único ambiente atuação clínica, mercado consumidor, inovação e troca de experiências. “A Feira Petnor é muito importante, onde reunimos pessoas e fortalecemos toda a cadeia pet e veterinária”, reforça.

A diversidade da programação atraiu estudantes de diferentes regiões. Para Helena Monteiro, aluna do sexto período de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Pernambuco (UFRPE), a experiência ampliou o repertório acadêmico. Ela ressaltou a variedade de temas e a oportunidade de contato direto com fornecedores, o que considera fundamental para sua formação. O estudante João Gabriel Dalmais, também da UFRPE, destacou que participa do evento há dois anos e enxerga a feira como espaço permanente de networking e aproximação com grandes profissionais.

A feira também foi palco de apresentações científicas. A paraibana Francinara Lopes, estudante da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), classificou como marcante seu primeiro trabalho apresentado presencialmente, selecionado entre os cinco melhores do congresso. Para ela, a

“A expansão do público e da programação evidencia a consolidação nacional do encontro”, **Paulo André Moura**, organizador da Petnor



Raquel Cantarella abordou a relação entre emergências oftálmicas e neurológicas na perda súbita de visão

ca do CONEVEPA 2025 esteve a palestra da médica-veterinária neurologista Raquel Cantarella, que abordou a relação entre emergências oftálmicas e neurológicas na perda súbita de visão. Segundo ela, o desfecho clínico está diretamente associado ao primeiro atendimento — fator que exige preparo e agilidade de clínicos gerais e plantonistas.

Raquel enfatizou que, após a perda de visão, há uma janela estreita de três a cinco dias com potencial de reversão, dependendo da causa. A demora no encaminhamento ou na condução inicial pode resultar em sequelas irreversíveis, ainda que o diagnóstico posterior seja corretamente estabelecido. Por isso, reforçou que o atendimento deve ser sistemático e imediato, considerando que sistema ocular e sistema nervoso são interdependentes no processamento visual.

A especialista explicou que a visão depende da integridade tanto das estruturas oculares quanto das vias neurológicas. Assim, casos em que o animal está cego, mas apresenta olhos estruturalmente normais, configuram amaurose — uma cegueira de origem neuro-

Petnor se diferencia por acolher estudantes e visitantes, reunindo pesquisa, prática clínica e mercado no mesmo ambiente.

NEUROFTALMOLOGIA EM FOCO. Entre os destaques da programação técnica

lógica. Entre as causas possíveis estão neurites ópticas, lesões nas vias visuais, alterações no córtex occipital e condições sistêmicas capazes de interferir no funcionamento do sistema nervoso.

Durante a palestra, a especialista detalhou sinais clínicos que auxiliam o clínico a diferenciar quadros oftálmicos de neurológicos. Investigar se a perda de visão foi súbita ou progressiva, avaliar o comportamento do paciente (como desorientação, andar em círculos, head pressing ou histórico de convulsões) e medir sistematicamente a pressão arterial foram destacados como passos essenciais. Ela lembrou que casos de hipertensão grave podem desencadear cegueira e exigem abordagem imediata.

Outro ponto reforçado foi a necessidade de observar o paciente em movimento para analisar nível de consciência e padrões locomotores, elementos fundamentais na avaliação neurológica. A integração entre neurologia e oftalmologia, segundo Cantarella, deve orientar o raciocínio clínico, especialmente em situações de emergência.

A 8ª edição da Petnor, ao reunir congressos especializados, competições, espaços de formação e uma extensa área de exposição, reafirmou a importância da atualização constante e da integração entre ciência e mercado. Em 2025, mais uma vez, o evento mostrou que o fortalecimento da cadeia pet depende da construção de redes qualificadas — e de encontros capazes de unir conhecimento, prática e inovação em um mesmo espaço. ■

PIF E GS-441524

OS ASPECTOS DA DOENÇA QUE TEM CURA, **MAS ESBARRA EM IMPEDITIVOS LEGAIS PARA USO DA MEDICAÇÃO** QUE PODE GARANTIR O TRATAMENTO ADEQUADO AOS FELINOS CONTAMINADOS

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

A Peritonite Infeciosa Felina (PIF) está entre as doenças de gatos mais graves. Além do seu potencial fatal, representa dois desafios para os médicos-veterinários: a dificuldade em chegar a um diagnóstico e a ausência de registro e aprovação oficial para uso veterinário da medicação para o tratamento no Brasil.

A médica-veterinária especializada em Medicina Felina e Oncologia veterinária, Érica Baffa, relata que a PIF é uma enfermidade viral grave, sistêmica e imunomediada, que afeta felinos domésticos e selvagens.

“A PIF surge quando o Coronavírus Entérico Felino (FECoV), que geralmente causa infecções entéricas leves e auto-limitantes, sofre uma mutação dentro do organismo do animal, se transformando em FCoV. O FCoV é o biótipo virulento, que carrega o Vírus da PIF (VPIF) e adquire a capacidade de se replicar dentro dos macrófagos/monócitos e se disseminar pelo organismo”, explica.

Diferente do que muitos pensam, a Peritonite Infeciosa Felina não é uma doença infectocontagiosa, ou

seja, não é transmitida entre gatos.

“O que é altamente contagioso é o vírus que a causa, o Coronavírus Entérico Felino (FECoV), que é transmitido, principalmente, pela via fecal-oral através do contato com fezes contaminadas, fômites e compartilhamento de caixas de areia”, esclarece.

Quando ocorre a ingestão do FCoV, o vírus se replica, especialmente, nas células do intestino (enterócitos) e, em um pequeno número de gatos, sofre uma ou mais mutações genéticas, que alteram a sua capacidade de replicação.

“A mutação acontece em felinos predispostos geneticamente. Neles o vírus mutado (VPIF) ganha a capacidade de infectar e se replicar dentro dos macrófagos e monócitos, que são células de defesa. Mesmo assim, o vírus não é transmitido para outros animais”, pontua a veterinária.

QUEM SÃO OS MAIS ACOMETIDOS? Érica comenta que a doença possui maior incidência em gatos jovens, apresentando o pico de desenvolvimento entre três meses e três anos de idade. “Alguns estudos relatam que 70% a 90% dos gatos





com PIF têm menos de dois anos”, cita.

Com relação às raças mais predispostas, pesquisas apontam como principais: birmanês, ragdoll, bengal, himalaio, abissínio e rex, incluindo também o devon rex e o cornish rex.

“Acredita-se que esta predisposição se deve à consanguinidade (endogamia) e à baixa diversidade genética em certas linhagens de criação, que pode levar a aumento da susceptibilidade à infecção pelo FCoV por conta de defeitos na resposta imunológica mediada por células”, relata.

A profissional também complementa informando que machos não castrados parecem ter uma frequência ligeiramente maior ao desenvolvimento da PIF. De acordo com ela, a não castração pode gerar um impacto negativo na função imunológica, além do fato de que machos intactos em ambientes de grupo podem exibir um comportamento mais territorial e estressante, aumentando o risco de infecção/mutação.

Já na sua rotina, felizmente, não há uma grande incidência. “A ocorrência é variável. Observo mais a presença de PIF em animais que residem em ca-

sas multicats ou com superpopulação de gatos, como gatis e abrigos”, relata.

Também pontua que a enfermidade é comum em locais estressantes para os felinos, visto que o estresse pode levar a imunossupressão transitória, aumentando o risco de mutação e manifestação clínica da PIF após a infecção pelo FCoV.

Além disso, há ainda maior ocorrência em gatos imunossuprimidos, como os portadores de FeLV, por exemplo.

DIAGNÓSTICO É UM DESAFIO. Os sinais clínicos da Peritonite Infecciosa Felina são inespecíficos. Geralmente, os animais manifestam febre persistente não responsiva a antibióticos, letargia, perda de apetite e perda de peso.

Como esses sinais podem ser confundidos com o de inúmeras outras condições, nem sempre a PIF é considerada rapidamente. No entanto, exames podem ajudar a chegar a um diagnóstico.

“Algumas alterações fazem com que pensemos na doença, como aumento de bilirrubinas, relação albumina globulina de líquido livre menor que 0,4 e presença de icterícia, anemia, efusão abdominal ou torácica e granulomas. Contudo, atualmente quando estamos em frente a PIF úmida, o PCR quantitativo de Coronavírus Entérico Felino é o exame que mais utilizamos”, afirma a especialista.

Inclusive, mesmo essa não sendo uma doença transmissível entre gatos, são indicados alguns cuidados perante a suspeita ou confirmação da enfermidade.

Segundo Baffa, felinos com PIF não podem sofrer estresse ambiental e, como o Coronavírus Felino (FCoV) é transmitido, principalmente, pela via fecal-oral, é preciso evitar a contaminação através de práticas de manejo ambiental.

“A higienização rigorosa é fundamental. Para isso deve-se limpar as caixas sanitárias e mantê-las longe dos potes de comida e água para prevenir a contaminação. Também indico reduzir aglomerações de felinos e, se houver um animal doente/suspeito, é essencial separar as caixas sanitárias”, aconselha.

AS DIFICULDADES PARA O TRATAMENTO. Érica explica que o tratamento mais eficaz para a PIF é realizado a partir de antivirais análogos de nucleosídeos e inibidores de protease, como o GS-441524.

“O GS é considerado o tratamento de

primeira linha, tendo taxas de sucesso que superam 80% a 90% em muitos estudos, especialmente quando o tratamento é iniciado precocemente”, pontua.

Basicamente, o GS age como um análogo de nucleosídeo, interferindo diretamente na enzima RNA-polimerase do Coronavírus Felino da FIP (FIPV). Ao ser incorporado ao RNA viral, ao invés de um nucleotídeo natural, interrompe a replicação do vírus, impedindo que ele se multiplique e se espalhe.

Geralmente, os antivirais são administrados por injeção subcutânea diária ou na forma de cápsulas/comprimidos orais durante um período padrão de 84 dias (12 semanas).

“A dosagem é ajustada pelo médico-veterinário com base no peso do gato e, principalmente, no tipo de PIF (úmida, seca ou neurológica/ocular). A forma injetável é frequentemente recomendada para iniciar o tratamento, sobretudo em casos graves ou neurológicos para garantir a absorção rápida”, explica a profissional.

O problema é que, segundo Érica, no Brasil as moléculas GS-441524, apesar de seu comprovado sucesso na literatura mundial, não possuem registro e aprovação oficial para uso veterinário.

“Com isso, o acesso a esses medicamentos costuma ser feito por meio de importação por tutores e associações com o conhecimento e o acompanhamento de um médico-veterinário, o que cria um obstáculo legal e financeiro significativo para muitos”, afirma.

Além disso, ela cita uma alternativa de tratamento, que é o Molnupiravir (EIDD-1931). Esse é um metabólito ativo de outro antiviral, que age de forma semelhante ao GS-441524, introduzindo erros no RNA viral durante a replicação.

“Este também tem demonstrado eficácia e pode ser uma opção para os felinos com PIF. Inclusive, recentemente foi aprovado para prescrição veterinária no Brasil, sendo possível solicitar que o produto seja manipulado”, informa.

HÁ ESPERANÇA. Quanto mais precoce for o diagnóstico, maiores são as chances de atingir a cura da enfermidade.

De acordo com Baffa, a taxa de sobrevivência varia de acordo com a clínica do paciente e, quanto mais rápido for o diagnóstico e o início do

tratamento, melhor é o prognóstico.

Entretanto, informa que não basta apenas realizar o tratamento com os antivirais. Na realidade, os animais diagnosticados requerem suporte e acompanhamento, principalmente quando há a ocorrência de PIF úmida e existe a necessidade de drenar o tórax e o abdômen e administrar medicações de suporte.

Já a prevenção, consiste em evitar contato do felino com ambientes com superpopulação, animais doentes e fezes de gatos enfermos para minimizar as chances de transmissão do coronavírus.

“É importante destacar que não há como saber se o felino irá desenvolver a Peritonite Infecciosa Felina, pois isso depende de uma predisposição genética. Todavia, é válido estabelecer práticas de prevenção e evitar o estresse, pois esse é um fator que pode favorecer a mutação do vírus”, conclui.

O SUPORTE ALÉM DOS MÉDICOS-VETERINÁRIOS. Entendendo a gravidade e o panorama da Peritonite Infecciosa Felina no país, surgiu em 2019 a FIP Warriors Brasil (PIFBrasil).

Idealizada por Juliana Bueno, a organização foi criada quando os primeiros gatos brasileiros tiveram acesso ao tratamento para PIF. O grupo se estruturou no final de 2020 conforme o número de animais em tratamento aumentou e os novos tutores passaram a integrar a equipe de voluntários.

“Nosso objetivo é facilitar o acesso à informação de qualidade sobre o tratamento, sempre de maneira responsável e atualizada, garantindo que responsáveis e veterinários encontrem apoio confiável em um momento tão delicado”, explica.

Atualmente, a PIFBrasil possui um banco de dados com aproximadamente 5.000 animais tratados com seu suporte, um número expressivo. Bueno comenta que em torno de 92% dos felinos que passaram pelo tratamento alcançaram a cura.

Os voluntários que atuam na instituição são pessoas que vivenciaram o processo de tratamento da PIF de perto e agora dedicam parte do seu tempo a ajudar outros responsáveis por gatos a não enfrentarem essa jornada sozinhos.

A PIFBrasil é vinculada ao FIP Warriors Internacional e membro da FIP Universal Coalition, organização for-



Érica Baffa, médica-veterinária especializada em Medicina Felina e Oncologia veterinária

mada por seis grupos de apoio em todo o mundo dedicados ao combate à PIF.

“Nossa atuação inclui compartilhar informações consolidadas ao longo dos últimos anos e orientar sobre segurança e confiabilidade das marcas que disponibilizam o medicamento para tratamento. Também divulgamos atualizações em protocolos, de acordo com estudos recentes e resultados observados no Brasil e no exterior, oferecemos suporte técnico à comunidade veterinária e apoio emocional aos responsáveis por gatos com PIF. Todas as nossas orientações são baseadas em estudos publicados, evidências clínicas e monitoramento contínuo dos casos acompanhados”, explica.

ASPECTOS POR TRÁS DA LIBERAÇÃO DO GS-441524. Para Juliana, como o tratamento da Peritonite Infecciosa Felina ainda não é regulamentado no Brasil, existe uma grande escassez de dados e muito desconhecimento sobre os protocolos de tratamento.

“A regulamentação do GS-441524 ainda é recente no cenário internacional. Alguns países já conseguem produzir o medicamento, mas, muitas vezes, utilizando brechas legais. No Brasil, acredito que seja apenas uma questão de tempo para avançarmos nesse sentido. No entanto, existe uma preocupação importante: o processo regulatório exige investimentos elevados, o que tende a restringir o desenvolvimento

do produto a grandes indústrias farmacêuticas. Isso pode atrasar a chegada oficial do tratamento ao país”, pontua.

De acordo com ela, a regulamentação da medicação aumentaria a visibilidade do tratamento e permitiria que mais profissionais tivessem acesso à informação atualizada e se sentissem seguros para acompanhar casos de PIF. Consequentemente, mais gatos teriam a oportunidade de receber tratamento adequado e alcançar a cura.

“Com a possibilidade de tratamento a PIF deixou de ser uma sentença de morte. Antes da existência de uma terapia eficaz, muitos gatos morriam sem diagnóstico conclusivo. Hoje, graças à ausência de efeitos colaterais relevantes do GS-441524, é possível iniciar um diagnóstico terapêutico e identificar com mais clareza sinais e padrões associados à doença”, afirma.

No entanto, é preciso tomar cuidado com medicações vendidas no mercado paralelo, pois nem sempre elas são verdadeiras. “Ao longo desses anos acompanhamos diversos relatos internacionais de problemas graves na produção de medicamentos paralelos — desde contaminação e diluição incorreta, até casos de envenenamento e venda de substâncias diferentes do GS-441524. Felizmente, nenhum caso desse tipo ocorreu com animais acompanhados diretamente por nós. Entretanto, o risco existe, principalmente pela ausência de controle de qualidade”, relata.

Vale ressaltar que o foco da PIFBrasil é oferecer suporte claro, atualizado e humano durante a jornada de tratamento de gatos com a enfermidade para que os responsáveis pelos animais se sintam amparados, informados e seguros em cada etapa do processo.

“Porém, ressaltamos que o médico-veterinário é peça fundamental no diagnóstico e acompanhamento do tratamento. Logo, o trabalho é conjunto entre grupos de suporte, profissionais da área e tutores”, finaliza. ■

**Procurado, o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) não retornou aos questionamentos da equipe quanto à possível regulamentação do GS-441524 no Brasil para tratamento de gatos com Peritonite Infecciosa Felina (PIF).*

VETERINÁRIOS E BIÓLOGOS JUNTOS NO RESGATE E AFUGENTAMENTO DE FAUNA

▷ DR. SAULO GONÇALVES PEREIRA

Você sabia que quando uma obra, ou supressão vegetal precisam ser licenciadas e envolvem o manejo da fauna silvestre, entram em cena dois profissionais que formam uma dupla essencial? O biólogo e o médico-veterinário.

Cada um tem sua função específica, mas ambos compartilham o mesmo propósito, garantir que os impactos ambientais sejam minimizados e que os animais afetados por intervenções humanas recebam o cuidado e o destino adequados.

A atuação do biólogo é regulamentada pelo Conselho Federal de Biologia (CFBio), especialmente pela Resolução nº 526/2019, que define suas atribuições no manejo, gestão, pesquisa e conservação in situ da fauna silvestre e exótica. Cabe a esse profissional realizar o levantamento e o monitoramento das espécies, identificar áreas de ocorrência e elaborar planos de afugentamento e resgate.

Já o médico-veterinário, amparado pela Lei nº 5.517/1968 e resoluções complementares, atua de forma complementar e indispensável, sendo responsável pelo tratamento, estabilização e reabilitação dos animais resgatados, garantindo condições adequadas de saúde e bem-estar antes do retorno à natureza ou à destinação autorizada.

No âmbito nacional, essas atividades estão amparadas pela Lei nº 6.938/1981, que institui a Política Nacional do Meio Ambiente, e pela Lei nº 9.985/2000, que cria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Ambas refor-

çam a necessidade de estudos e medidas mitigadoras em empreendimentos que possam causar impactos à fauna.

Em Minas Gerais, por exemplo, a supressão de vegetação e a fauna são regulamentadas por resoluções conjuntas do Instituto Estadual de Florestas e da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, como a Resolução Conjunta nº 3.102/2021 e a Resolução Conjunta nº 3.022/2020, que exigem estudos de flora e fauna mesmo em casos de desmatamento legal.

O processo de supressão de vegetação pode envolver a elaboração de um Estudo de Fauna e Flora, cujas exigências variam conforme a área afetada. Nesses casos, o biólogo é o responsável técnico pelo levantamento e pela identificação das espécies, enquanto o médico-veterinário atua na avaliação clínica, no resgate conjunto e no tratamento dos indivíduos capturados.

Ninhos, tocas, o habitat no geral devem ser levados em consideração, sobretudo, filhotes que não tem pra onde fugir! Há impacto mas, a legislação ampara a fauna e obriga o empreendedor a promover o resgate e afugentamento! E tudo de forma técnica! Sem improvisado e “maracutaia”.

Nenhuma dessas funções sobrepõe a outra, e ambas são complementares, duas áreas que se encontram, se fortalecem e se tornam irmãs na missão de proteger e conservar a vida silvestre.

Mais do que uma exigência legal, a presença desses profissionais nos programas de resgate e afugentamento de fauna

representa um compromisso ético, legal e científico com o equilíbrio ecológico.

É o encontro entre a ciência que estuda e a ciência que cuida, garantindo que cada espécie tenha não só o direito de existir, mas também de sobreviver com dignidade diante das transformações inevitáveis promovidas pelo ser humano.

Portanto, registre sua ART e trabalhe legalizado! O impacto ambiental pode ser mitigado e minimizado! Bora juntos lutar pela nossa fauna. ■

Referências:

BRASIL. Lei nº 5.517, de 23 de outubro de 1968. Dispõe sobre o exercício da profissão de médico-veterinário e cria os Conselhos Federal e Regionais de Medicina Veterinária. Diário Oficial da União, Brasília, 25 out. 1968.

BRASIL. Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente. Diário Oficial da União, Brasília, 2 set. 1981.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Diário Oficial da União, Brasília, 19 jul. 2000.

CONSELHO FEDERAL DE BIOLOGIA (CFBio). Resolução nº 526, de 17 de setembro de 2019. Regulamenta a atuação do biólogo no manejo, gestão, pesquisa e conservação in situ da fauna silvestre e exótica. Brasília: CFBio, 2019.

MINAS GERAIS. Resolução Conjunta SEMAD/IEF nº 3.022, de 16 de abril de 2020. Dispõe sobre os procedimentos para a supressão de vegetação nativa e intervenção ambiental no Estado de Minas Gerais.

MINAS GERAIS. Resolução Conjunta SEMAD/IEF nº 3.102, de 28 de setembro de 2021. Estabelece critérios e diretrizes para a execução de estudos de flora e fauna em processos de licenciamento ambiental.

Dr. Saulo Gonçalves Pereira, biólogo CRBio04, professor, pedagogo doutor em Saúde Animal pela UFU

■ COMPORTAMENTO

REFÚGIO EMOCIONAL

PETS GANHAM AINDA **MAIS IMPORTÂNCIA** EM 2026

A **CRESCENTE** sensação de ansiedade, estresse e incerteza entre consumidores ao redor do mundo tem influenciado diretamente os padrões de comportamento e consumo — e reforçado o papel dos animais de estimação como fonte de conforto emocional. A constatação é fruto dos relatórios de tendências globais apresentados pela Mintel e pela Innova Market Insights para 2026.

Entre os dados destacados, a Mintel aponta que 76% dos tutores canadenses recorrem aos pets como apoio emocional, evidenciando que a convivência com animais se tornou um fator relevante na manutenção do equilíbrio mental em tempos de sobrecarga informacional, tensões geopolíticas e insegurança econômica.

As previsões para o próximo ano giram em torno de três eixos principais: o movimento “anti-algoritmo”, que reflete a tentativa de reduzir a dependência digital; “a nova juventude”, marcada pela redefinição dos estágios da vida adulta; e o “déficit de atenção”, que expressa a dificuldade de se manter engajado emocionalmente em meio ao excesso de estímulos. Esses fenômenos contribuem para um verdadeiro “défi-

cit de afeto” global, que pode ser observado nas interações humanas cada vez mais mediadas pela tecnologia. Nesse contexto, a convivência com animais de estimação se mostra uma resposta natural e autêntica — uma forma de resgatar vínculos afetivos reais em meio à automação emocional crescente.

A Innova Market Insights reforça esse panorama ao identificar que um em cada dois consumidores no mundo se sente ansioso com o atual cenário global. As principais fontes de estresse são as preocupações financeiras (48%), a saúde e a pressão no ambiente de trabalho. Essa combinação tem levado as pessoas a priorizar o bem-estar, a longevidade e a vida simples, abrindo espaço para tendências como “sociabilidade relaxada”, “tempo para mim” e “vida simplificada”.

No centro dessas mudanças, o vínculo humano-animal ganha força como um elemento ativo de bem-estar emocional e social. Embora cuidar de um pet demande tempo e responsabilidade, os benefícios psicológicos superam o esforço: a presença de um animal oferece propósito, conforto e alegria — e, diferentemente dos algoritmos, representa afeto genuíno e conexão verdadeira. ■



SOLUÇÕES AVANÇADAS PARA CÃES COM DISTÚRBIOS GASTROINTESTINAIS E ALERGIAS ALIMENTARES

A Nutrição Certa para Cada Desafio Clínico

HYPOALLERGENIC

MODERATE CALORIE



Recomendado para os casos de cães com tendência ao sobrepeso e:

- Enteropatia crônica responsiva à dieta
- Reações Adversas ao Alimento com sinais dermatológicos e/ou gastrointestinais
- Insuficiência Pancreática Exócrina
- Dermatite Atópica Canina + prurido crônico



PROTEÍNA HIDROLISADA



CONTROLE MODERADO DE GORDURA



SAÚDE DIGESTIVA

GASTROINTESTINAL

LOW FAT



Recomendado para os casos de:

- Enteropatia Perdedoras de Proteínas
- Linfangiectasia
- Hiperlipidemia
- Pancreatite aguda e crônica
- Esvaziamento gástrico retardado, esofagite
- Insuficiência Pancreática Exócrina
- Hepatopatia



SAÚDE DIGESTIVA



FIBRAS BALANCEADAS



BAIXA GORDURA

Agora com ingredientes não transgênicos

A qualidade de sempre, **agora com ingredientes não transgênicos.**

*Durante a transição, é possível encontrar produtos antigos com o símbolo "T" e novas embalagens nas prateleiras, de acordo com a data de atualização e o estoque do produto.



Sem adição de **corantes artificiais**



Sem adição de **aromatizantes artificiais**



Feito com **ingredientes não transgênicos**



Cardisure

Pimobendan

Tratamento da insuficiência cardíaca congestiva canina



Cardisure 5 mg
Comprimidos sabor carne para cães

USO VETERINÁRIO



Contém 80 (2 x 40) comprimidos

Cardisure 1,25 mg
Comprimidos sabor carne para cães

USO VETERINÁRIO

Contém 80 comprimidos



Cardisure 10 mg
Comprimidos sabor carne para cães

USO VETERINÁRIO



SmartTab

Tecnologia para facilitar a divisão de comprimidos.

Palatável
sabor carne



Flexibilidade
na dosagem



Dechra